



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LASEB
CURSO DE PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Maristela de Oliveira Fernandes

**O IMPACTO DA LITERATURA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DA
ORALIDADE**

Belo Horizonte

2015

Maristela de Oliveira Fernandes

O IMPACTO DA LITERATURA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DA ORALIDADE

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de especialista em Processos de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Carlos Augusto Novais.

Belo Horizonte

2015

Maristela de Oliveira Fernandes

O IMPACTO DA LITERATURA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DA ORALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Carlos Augusto Novais.

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Carlos Augusto Novais – Faculdade de Educação da UFMG (Orientador)

Fernanda Rohlf

RESUMO

Pensar na oralidade como uma forma de expressão que antecede, em muito, a escrita, leva a crer que é preciso garantir às crianças a oportunidade de aprender e de desenvolver os saberes da oralidade. A literatura tem o poder de levar o sujeito a reflexões sobre diversos assuntos, de integrá-lo num mundo de aventuras e de amores, de permitir-lhe viajar por terras jamais visitadas. Dessa forma, a literatura pode ser um instrumento de grande impacto no trabalho com a oralidade.

O presente trabalho apresenta uma prática em que a literatura está à mercê do desenvolvimento da oralidade. Traz, como questão central, o impacto da literatura no ensino/aprendizagem da oralidade em crianças de sete e oito anos. Para realizar essa prática, a metodologia adotada foi a leitura conjunta de algumas obras de literatura infantil seguidas de debates dos alunos sobre temas referentes aos textos, nos quais os alunos levantavam hipóteses e argumentavam sobre suas opiniões, apropriando-se assim, dos saberes linguísticos.

Os resultados alcançados foram satisfatórios, porém, reafirmamos a nossa crença de que o ensino da oralidade é um trabalho que deve fazer parte do planejamento da escola e do dia a dia das crianças. Assim, este trabalho parte da concepção de que o homem é um ser da fala e que essa fala é de grande importância para a formação cultural do sujeito e para a preservação das tradições não escritas, que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva. Portanto, como nos diz Marcuschi (2003, p. 24.) “[...] certamente, não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua.”.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Oralidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 CONCEITOS GERAIS E ESTRATÉGIAS DE LEITURA	10
2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	18
2.1 O imperdível menino que perdia tudo	19
2.2 Ana e Ana	23
2.3 A árvore generosa.....	26
2.4 A história do leão que não sabia escrever.....	28
2.5. Quem tem medo do ridículo?	29
2.6 Anália, Natália, Amália	31
2.7 João Esperto leva o presente certo.....	32
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	34
3.1 Segundo Ano	34
3.2 Terceiro Ano.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	47

INTRODUÇÃO

A escola vive um tempo de mudança, de inclusão e de diversidade. O movimento no espaço escolar se faz de forma diferente de outras épocas. O mundo letrado faz parte do dia a dia da escola. O aluno já não é aquele sujeito que está ali somente para receber informações e dali sair lendo e escrevendo. Teoricamente, cada vez mais as práticas escolares são libertadoras, onde o aluno constrói sua autonomia, é livre para se posicionar enquanto sujeito que pensa e é capaz de construir seu conhecimento. A prática, no entanto, muitas vezes não condiz com essas propostas e o que temos são práticas conservadoras nas quais o aluno ainda é considerado parte menor na relação escolar, onde ele se faz receptor de informações e é visto como aquele que não traz contribuições para as relações escolares.

Pensando nessa realidade, nas questões ligadas às práticas do dia a dia da escola e no sujeito que queremos formar, essa prática libertadora e construtiva deve favorecer aspectos que possibilitem ao aluno se posicionar, argumentar e defender suas ideias e opiniões, respeitar o outro enquanto sujeito e se posicionar adequadamente nas situações de linguagem oral.

É com o domínio da língua oral e escrita que o sujeito se integra na sociedade, expressando-se, comunicando, partilhando e ampliando sua visão de mundo. É da escola a responsabilidade de ensinar ao aluno saberes linguísticos que vão lhe possibilitar ter acesso à cidadania. Quanto menor o letramento, maior deve ser o trabalho de apresentação dos aspectos linguísticos. É necessário que a escola ensine o aluno a utilizar a linguagem em diversas situações comunicativas, inclusive nas questões ligadas à oralidade. Dificilmente o aluno será capaz de apresentar atitudes adequadas, tanto na fala quanto na escrita, se a escola não lhe proporcionar situações de oralidade e de escrita.

O trabalho com a oralidade pode ser um dos instrumentos essenciais para que o aluno se apresente como sujeito da fala e da escuta. É apresentando aos alunos a forma mais satisfatória de participar de uma roda de conversa, de um debate e de outras atividades orais, expressando-se, buscando e trocando informações e atentando-se cada vez mais para sua postura nessas situações, que abriremos caminho para que as crianças possam se posicionar adequadamente no dia a dia.

Para Bakhtin (1992), a literatura infantil pode ser um instrumento de motivação e de desafio para a criança. Ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo conforme sua necessidade.

Dessa forma, a literatura infantil é um dos instrumentos que possibilitam um trabalho significativo para que os alunos se integrem ao mundo da oralidade de forma prazerosa e satisfatória.

Pensando na fala e em seus usos nas práticas sociais e considerando o retrato que se tem das turmas, o trabalho desenvolvido foi de extrema relevância. Percebeu-se um uso pouco eficiente desse instrumento de comunicação e observaram-se crianças com um vocabulário restrito, que se apropriam de palavras novas com pouca frequência e que, muitas vezes, não se comportam de forma satisfatória nas situações orais do dia a dia nem em situações planejadas. Nas escolas, é raro ver rodas de conversas em que as crianças são observadas e orientadas para aspectos importantes da oralidade como a necessidade de argumentação, a necessidade de aguardar o turno, o ritmo da fala, o tom de voz, a importância da escuta. Portanto, a possibilidade de se apresentar esses aspectos como forma de comunicação às crianças para que possam utilizar melhor a língua, é relevante e pode ser de grande riqueza.

O desenvolvimento desse trabalho teve como objetivo geral o desenvolvimento da oralidade, isto é, a capacidade de falar e de escutar. A apresentação e a possibilidade de uso de aspectos referentes à oralidade são elementos que irão nos levar ao alcance desse objetivo.

Como objetivos específicos, o trabalho se propõe a possibilitar aos alunos o uso de argumentos para defender suas ideias, o uso adequado das palavras ao falar, o aprendizado da pronúncia adequada das palavras, o desenvolvimento de clareza ao pronunciar as palavras, o reconhecimento e respeito aos turnos de fala e o domínio de um ritmo mais pausado ao falar.

Metodologia

O trabalho foi realizado em duas turmas: uma turma de segundo ano do primeiro ciclo, sendo observados 13 alunos, e uma turma de terceiro ano do primeiro ciclo, onde foram observados 14 alunos.

O estudo é de caráter quantitativo e qualitativo, uma vez que tivemos como referência os dados de variação quantitativa dos aspectos observados, demonstrado nas tabelas e gráficos, e a análise da prática de intervenções na sala de aula.

O desenvolvimento deste plano de ação se deu a partir de atividades de leitura de livros de literatura infantil em sala, leitura expressiva, leitura em voz alta, pausa protocolada, leitura em casa pelas crianças e debates.

Os livros literários utilizados no trabalho foram os mesmos para as duas turmas: “*O imperdível menino que perdia tudo*”, de Marcelo Pires; “*Ana e Ana*”, de Célia Cristina; “*A*

árvore generosa”, de Shel Silverstein; *“A história do leão que não sabia escrever”*, de Martin Baltscheit; *“Quem tem medo do ridículo?”*, de Ruth Rocha; *“Anália, Natália, Amália”*, de Lorenz Pauli; e *“João Esperto leva o presente certo”*, de Candace Fleming.

Os aspectos observados durante os debates foram participação, argumentação e tom de voz, embora também tenhamos feito intervenções em relação a outros aspectos ligados à oralidade.

Descrição da escola

A Escola Municipal Vila Fazendinha, onde foi realizada a prática, localiza-se na região Centro-Sul, na Rua Paulo de Sousa, nº 51, no bairro Vila Fazendinha. Está localizada em um aglomerado e no seu entorno há uma comunidade bastante pobre, considerada nível socioeconômico 1. A escola existe há oito anos e foi construída com a participação da comunidade, sendo uma obra do orçamento participativo, portanto muito valorizada e respeitada.

A escola funciona em três turnos: no turno matutino, há o 2º ciclo, com 08 turmas; no vespertino, o 1º ciclo, com 10 turmas; e no noturno o EJA, com 06 turmas. Tem, em média, 550 alunos e 36 professores. A escola integrada divide o espaço com a escola regular, onde estão envolvidos uma coordenadora e oito monitores.

O prédio da escola é uma construção nova com ambientes arejados e adequados aos alunos de inclusão. O ambiente físico da escola é muito bom, contando com 16 salas de aula, um laboratório, uma biblioteca, um auditório, uma quadra, um espaço coberto, banheiro masculino e feminino em todos os andares, uma secretaria, uma sala para os professores e uma sala de reprografia. As salas de aula possuem um mobiliário adequado e materiais que favorecem o trabalho do professor. O laboratório está sendo usado como depósito. A biblioteca é muito bem equipada e as crianças costumam frequentá-la uma vez por semana. O auditório é usado com grande frequência pela escola integrada e, quando necessário, pela escola regular. As crianças utilizam o espaço da quadra para brincar durante o recreio e para participar das aulas de Educação Física. O espaço coberto é utilizado pela escola integrada e raramente os professores da escola regular o usam. A secretaria e a reprografia são ocasionalmente frequentadas pelas crianças, que às vezes buscam materiais para as professoras.

O clima na escola é bom. Entre as professoras o clima é de amizade e de cordialidade. Professores e funcionários também se relacionam dessa forma. A direção trata o grupo de professores e funcionários com respeito.

O Projeto Político Pedagógico da escola está em andamento. Os professores, coordenadores e diretores se reúnem com uma assessora e discutem a realidade atual, as proposições curriculares, as teorias e, assim, tentam esboçar um projeto que vá ao encontro da crença pedagógica que possa priorizar um bom atendimento aos alunos.

Alguns projetos fazem parte do cotidiano escolar: a escola integrada, o Projeto Providência, Projeto Fica Vivo. As crianças, em sua maioria, participam de algum desses projetos.

Alguns projetos interdisciplinares acontecem na escola, propostos principalmente pela professora de Educação Física. Nas propostas de trabalho interdisciplinar, as professoras se dispõem e participam com interesse.

A escola tem duas coordenadoras em cada turno. As professoras trabalham no esquema sequencial, seguindo com a turma durante todo o ciclo. Muitas decisões são tomadas pela direção ou pela própria Secretaria de Educação sem uma consulta aos professores. Alguns pontos, porém, são levados à discussão pelo grupo e só assim toma-se a decisão final. O que norteia as decisões tanto da direção quanto da coordenação é a prioridade que dão ao bem estar e à aprendizagem das crianças, fatores que consideram como os mais importantes.

Descrição das turmas

O trabalho foi desenvolvido em duas turmas do 1º ciclo: uma turma do 2º ano e outra do 3º ano, ambas do período vespertino.

A turma do 2º ano é composta de 23 crianças de sete e oito anos. A professora atual acompanha a turma há dois anos. Grande parte do grupo já está alfabetizado e apresenta atitude favorável em relação às propostas de trabalho e em relação ao trabalho literário. A turma apresenta um vocabulário pobre, restrito e com uma fala muito acelerada e tom de voz muito alto.

A turma do 3º ano é composta de 24 alunos. Estão com a atual professora há três anos. São crianças de oito e nove anos e todas se mostram interessadas pelas propostas da escola, apresentando atitudes positivas em relação ao estudo. Todas as crianças estão alfabetizadas e se mostram leitoras interessadas. A disciplina é boa e o relacionamento com a professora é de

respeito e cooperação. A oralidade do grupo é pobre, na pronúncia e no vocabulário, considerando a faixa etária e o tempo de escolaridade.

As duas professoras se mostram mais tradicionais na condução do trabalho de alfabetização e com isso, priorizam o trabalho de escrita, deixando, muitas vezes, a oralidade como algo secundário. São professoras muito comprometidas com o pedagógico e empenham-se em levar o melhor para o grupo. Os recursos utilizados nas salas são quadro, livros didáticos, textos e atividades produzidas pela professora. As avaliações são organizadas com atividades variadas, ditados, avaliações formais e atividades do dia a dia.

1 CONCEITOS GERAIS E ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Este capítulo apresentará um breve panorama sobre aspectos históricos e socioculturais da literatura infantil, assim como aspectos relevantes da oralidade e a importância do seu trabalho nas salas de aula. Serão apresentadas também algumas estratégias de leitura como leitura expressiva, leitura em voz alta e pausa protocolada.

Foi no século XVII que os livros direcionados à criança surgiram. Até então, a literatura infantil se misturava com a literatura para adultos. A especificidade de uma literatura destinada à infância se deu pela ascensão da família burguesa. A partir daí a criança passou a ser considerada um ser diferente do adulto, com características próprias. Os primeiros livros escritos para crianças foram escritos por professores e pedagogos, com um objetivo pedagógico. Os conteúdos desses livros não eram de entretenimento, e sim, conteúdos cujo objetivo era ensinar valores, lições de obediência e bons hábitos.

A arte de contar histórias vem de tempos remotos e faz parte de todas as culturas. Povos mais antigos se reuniam em volta da fogueira para contar histórias, espalhando, assim, sua cultura e seus costumes. A reunião para se contar histórias era um costume das pessoas mais simples. Cada um selecionava suas experiências e fazia uso da literatura oral para transmiti-la de indivíduo a indivíduo e de povos a povos.

A literatura se inicia na oralidade. O prazer de contar histórias e de ser ouvinte foi relatado por Meireles:

O gosto de contar é idêntico ao de escrever — e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas. (MEIRELES, 1984, p. 49).

O trabalho com a literatura infantil é de grande importância, uma vez que abre as portas para a entrada do homem no mundo literário e serve para a sensibilização do sujeito, para que ele possa fazer novas leituras do mundo. A literatura possibilita ao homem ampliar, enriquecer e transformar suas experiências de vida. Ela nos permite adentrar um mundo de fantasias, de mistérios e de surpresas; um mundo que diverte e ensina.

Segundo Abramovich (1997), ao ouvir histórias, as crianças visualizam com mais clareza os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias são povoadas pelos problemas típicos da infância como medo, inveja, curiosidade, dor, perda e outros; e levam as crianças a conhecerem outras realidades, outras épocas e outras culturas.

O acesso aos livros pelo manuseio, pela contação de histórias ou pela leitura favorece, na criança, a criação do hábito de ler. A criança que tem contato com livros, com histórias lidas ou contadas desde cedo, tem muitas vantagens sobre aquelas que não têm essa oportunidade; elas pronunciam melhor as palavras, têm um vocabulário mais rico, se comunicam melhor, se mostram mais sensíveis e mais criativas.

Como nos diz Abramovich (1997, p. 23), “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!”. Dessa forma, cabe à escola abrir espaço para que isso aconteça em seu ambiente. O contar e o recontar, o levantamento de hipóteses, a argumentação, os debates devem ser atividades da prática do dia a dia das crianças.

Para Bakthin (1992), o confronto de ideias tem sempre um caráter social. Ele diz que a linguagem é constitutiva, o sujeito constrói seu pensamento a partir do pensamento do outro, isso é uma linguagem dialógica. Bakthin explica que:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 1992, p.112).

Partindo dessa visão de interação social e do diálogo, ressalta-se a importância de possibilitar que a criança participe de momentos em que vai escutar, falar, dialogar, colocando ali suas emoções e seus sentimentos. Para isso, a literatura infantil entra como um instrumento de grande valia, uma vez que se faz presente desde muito cedo na vida das crianças.

Desde muito pequena a criança tem contato com as narrativas, as cantigas. O interesse das crianças pelas histórias se manifesta desde cedo. É importante contar histórias para as crianças que já são leitoras, pois, segundo Abramovich (1997, p.23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las.” A experiência da narrativa vai possibilitar à criança o desenvolvimento do seu pensamento lógico e da sua imaginação, e por isso, se faz necessária na formação de todo sujeito. De acordo com Vygotsky (1992, p.128), pensamento e imaginação caminham juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista.”

Sobre literatura infantil, Abramovich destaca:

"[...] Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...". (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Podemos pensar então na importância da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo das crianças. Ser leitor é um dos meios para conhecer os diferentes tipos de textos, de vocabulários. É uma forma de ampliar o universo linguístico. Para o contador de histórias, cabe o prazer de interagir com a leitura ao mesmo tempo em que oportuniza este prazer para os seus ouvintes, como afirma Aroeira “[...] contar histórias é uma experiência de grande significado para quem conta e para quem ouve”. (AROEIRA, 1996, p. 141).

A família e a escola têm papel fundamental para a relação da criança com a literatura, pois são nesses contextos em que a criança encontrará livros e modelos de leitores. A escola é um lugar de grande relevância para a valorização das práticas de interação, que são muito importantes no desenvolvimento das crianças. A importância da literatura infantil na escola é grande, uma vez que ela faz parte do processo de construção do sujeito leitor. A literatura proporciona um desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Quando lê ou ouve histórias, a criança é capaz de indagar, de levantar hipóteses, de comentar, de argumentar e de refletir sobre elas, adquirindo uma postura crítico-refletiva extremamente relevante à sua formação cognitiva. A atividade de contar e de recontar histórias auxilia a criança a desenvolver e reorganizar seus esquemas e permite que ela construa seus sentidos enquanto expõe e desenvolve habilidades significativas para o seu desenvolvimento. Assim, essas atividades são excelentes instrumentos de trabalho da oralidade, possibilitando à criança enriquecer seu vocabulário, melhorar sua dicção, trabalhar a organização do seu pensamento lógico, assim como a atenção.

Sendo a literatura infantil um instrumento mediador para que a criança se desenvolva como um sujeito participativo e crítico do seu processo de formação, ela deve ser um instrumento efetivo de trabalho nas salas de aula.

- ***Oralidade***

Se pensarmos sob uma perspectiva cronológica, a oralidade se sobrepõe à escrita. Todas as culturas possuem uma tradição oral e, como tal, podemos dizer que o homem é um sujeito da fala.

A oralidade está diretamente ligada ao uso do modo oral da língua nas diversas práticas sociais e discursivas, tanto na fala quanto na escuta. A oralidade diz respeito à fala relacionada a um ritmo, entonação, volume, gestualidade, mímica e à modalidade escrita da língua, como acontece na fala. As reações corporais do sujeito, mesmo aquele que não se manifesta verbalmente, têm influência nas reações e decisões discursivas do seu interlocutor, pois fazem parte da interação entre os dois.

Pensar na escrita como a representação da oralidade é um erro, pois ela não consegue reproduzir várias características da fala, como gestos, movimentos e expressões, entre outras. A escrita, porém, ganhou o lugar de primazia na nossa sociedade e tornou-se o elemento de destaque na sala de aula. A oralidade é, muitas vezes, vista como algo secundário. Seu espaço em sala de aula foi reduzido, e, assim, as crianças têm poucas oportunidades de se pronunciarem, de se posicionarem. Como esclarece Marcuschi:

[...] a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma postura. (MARCUSCHI, 1997, p. 39).

A justificativa das escolas ao colocarem o trabalho da fala em plano secundário é que a fala já é uma capacidade dominada pelas pessoas e, por isso, se torna desnecessário o seu trabalho em sala de aula.

A escola é o ambiente em que a fala e a escuta deverão ser ensinados e trabalhados em contextos mais formais. É a escola que vai ensinar o uso da linguagem oral nos diversos contextos. À escola cabe a responsabilidade de garantir ao aluno o acesso aos saberes linguísticos que lhe possibilitem a cidadania. Quanto maior o acesso à língua, maior sua participação enquanto sujeito da democracia. Quanto menor o nível de escolaridade, de letramento da comunidade, tanto maior deve ser o compromisso da escola de dar acesso à língua.

Ao chegar à escola, a criança já faz uso da sua língua materna no seu dia a dia. Diante disso, fazer da oralidade objeto de trabalho na sala de aula vai muito além de proporcionar momentos de conversa entre as crianças. Trazer a oralidade como objeto de trabalho significa promover situações com gêneros orais formais públicos, gêneros que circulam em contextos de uso linguísticos pouco comuns no dia a dia dos alunos. Aumentar a proficiência em relação a esses gêneros deve ser o trabalho da oralidade na escola.

O momento de fala não pode ficar restrito ao falar cotidiano, ele deve estar contextualizado, trabalhando assim as diversas possibilidades para a criança. São essas oportunidades que vão levar as crianças a desenvolverem as capacidades linguísticas. Para que a criança tenha desenvoltura na sua comunicação é necessário que ela possa se expressar com liberdade, levantando suas hipóteses e argumentando sobre elas. A comunicação na escola deve acontecer entre todos os integrantes do ambiente escolar, o aluno precisa aprender a fazer uso do seu potencial de comunicação.

O que temos na nossa realidade, entre os nossos estudantes, são conhecimentos prévios de níveis muito diferentes e, por isso, a escola deve ampliar esse conhecimento, para que as crianças possam se posicionar na sociedade fazendo uso da palavra. A criança deve ser considerada como interlocutor pelo professor e deve ser incentivada a falar, a ser um sujeito ativo da sociedade, envolvendo-se na maior variedade de situações comunicativas possíveis, para que possa se desenvolver ao máximo nas capacidades linguísticas. A criança deve se manter como um ser da fala e, para isso, o professor deve escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, ressignificando-a e resgatando-a quando necessário. É necessário que o desenvolvimento da oralidade esteja previsto nos planos curriculares e que faça parte do dia a dia das salas de aula das crianças pequenas.

O trabalho com a oralidade é de grande importância no processo educativo. É o foco nesse ponto que irá possibilitar ao aluno explorar e trabalhar seu instrumento comunicativo. São as atividades como conversas, debates, discussões, recontos e outras propostas trazidas pelo professor que irão permitir ao aluno seu desenvolvimento, tornando-se mais comunicativo e interagindo melhor com o grupo. As atividades de oralidade devem ocorrer em situações significativas em que os alunos transitem por diversas situações, desde as mais informais e coloquiais, que já dominam ao entrar na escola, até as mais formais.

Para o trabalho da oralidade muitas são as possibilidades de atividades, como por exemplo: contação de histórias, em que as crianças contam e recontam histórias lidas e ouvidas; debate, em que os alunos discutem sobre um tema polêmico do cotidiano ou sobre algum tema sugerido; exposição oral, na qual os alunos falam sobre determinado assunto; e outras atividades que vão trazer saberes aos alunos. Mesmo sendo a fala o instrumento mais utilizado no dia a dia da escola, é essencial ensinar os alunos a planejarem sua participação nessas atividades, sua produção e a escuta.

A língua oral se desenvolve por meio das experiências do sujeito, das oportunidades que ele tem de fazer uso do que já possui e do que adquire nas suas vivências. De acordo com o Referencial Curricular Nacional:

A leitura realizada em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, seja na sala de aula, no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc., fornece às crianças um repertório rico em oralidade. (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 135).

Assim, quanto mais a criança se expressa oralmente, mais desenvolve sua capacidade de comunicação. Expressando-se, a criança amplia seus conhecimentos, organiza seus pensamentos, suas hipóteses, expõe ideias e emoções e aprende a argumentar. Esse desenvolvimento inclui não apenas a capacidade de falar, mas também a capacidade de ouvir, que é crucial para a participação do sujeito na sociedade.

O que ocorre muitas vezes é que o trabalho com a oralidade não tem objetivos e acontece de maneira informal, sem foco. Entretanto, conforme destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1999, p. 67).

Dessa forma, para que esse trabalho tenha bons resultados, o professor deve propor situações que estimulem a comunicação de ideias, em que o aluno tenha oportunidades de usar a palavra em várias circunstâncias desenvolvendo hábitos e atitudes de bom falante e bom ouvinte.

Muitos professores acham que debater ou dramatizar já são atividades suficientes de oralidade e até se questionam se isso é útil e necessário, uma vez que os alunos falam - e bastante - no dia a dia. Essa simplificação do trabalho com a oralidade acontece, em grande parte, do despreparo de alguns professores formados em faculdades que não abordam o tema e que, muitas vezes, nem debatem conceitos sobre língua. Diante disso, o lugar da oralidade fica mesmo em segundo plano, uma vez que faltam recursos aos professores para fazerem um trabalho efetivo nesse campo.

A escola deve ter como objetivo formar alunos que se tornem ouvintes ativos e falantes capazes de se adequarem às variedades da língua oral e às circunstâncias da comunicação. É comum ouvirmos falar em bons leitores, bons oradores e bons escritores, porém, dificilmente se ouve falar em bons ouvintes. Por isso se faz necessário que a escola abra espaço para esse trabalho.

Para a consolidação do plano de ação foram utilizadas algumas estratégias de leitura, que serão discutidas a seguir.

- ***Leitura expressiva***

Leitura expressiva é um termo descrito pelo professor Carlos Novais, da Universidade Federal de Minas Gerais, no Glossário do Ceale (2014). Segundo o autor, os vários tipos de leitura se encontram no contínuo identificado entre a simples decodificação do texto e a sua apresentação artística, fazendo uso estético do corpo e da voz. O grau de expressividade de uma leitura, assim, dependerá do lugar que ela ocupa nesse contínuo. Sendo uma demonstração sensorial, a leitura dita “expressiva” pode fazer parte de várias atividades na escola, como recitais, saraus, dramatizações e outras atividades.

Três aspectos são relevantes para a realização da leitura expressiva: o tipo de texto (tipo, gênero, diagramação, sonoridade e outros aspectos); a voz e o corpo (movimento, gestos, postura, ritmo e outros); e a situação de leitura. Na situação de leitura também devem ser considerados o ambiente, o público, o objetivo e a interação existente entre os participantes. Esses são os aspectos que dão forma à leitura expressiva e que viabilizam o sucesso dela.

Os textos poéticos literários, muito usados nas turmas de alfabetização e letramento, possibilitam às crianças dialogarem com o autor, com o poeta. Isso ajuda na compreensão e interpretação de sentido do texto, trazendo mais prazer e proficiência a essa leitura.

- ***Leitura em voz alta***

Até a Idade Média, a leitura em voz alta era a leitura que acontecia nas escolas e universidades, consistindo numa prática coletiva que envolvia pessoas alfabetizadas e pessoas analfabetas. Foi dessa forma, ouvindo a leitura de outras pessoas, entrando no mundo da fantasia, nos romances e nos cordéis, que muitas pessoas se tornaram leitoras, aproximando-se do mundo da escrita.

Por muito tempo a oralidade predominou como forma de comunicação em muitos espaços como escolas, igrejas e outros espaços sociais. A escolarização tardia era um dos motivos para que a oralidade se sobressaísse em relação à escrita. A prática da leitura em voz alta sempre esteve presente nas escolas, superando o movimento da Nova Escola, que defendia a leitura silenciosa. Aspectos como entonação, ritmo, pontuação e fluência eram

valorizados para uma boa avaliação e permitiam ao professor controlar a interpretação. Apesar de ter sido usada como elemento de controle, a leitura em voz alta possibilitou que muitas pessoas se encantassem com a leitura de outros e que, dessa forma, também se tornassem leitores.

A leitura em voz alta traz no processo de alfabetização a possibilidade das crianças se apropriarem de alguns aspectos da leitura mesmo antes de se alfabetizarem. Além disso, é uma forma da criança aprender que a leitura é uma maneira de se partilhar sentimentos e emoções coletivamente.

- ***Pausa protocolada***

A pausa protocolada é uma atividade de leitura em que o professor faz intervenções e perguntas antes de começar a leitura, durante a leitura e após a leitura. Antes de começar, o professor explora o material, faz perguntas sobre o título, sobre as ilustrações e sobre outros aspectos do livro e do autor. À medida que lê o livro, o professor faz perguntas aos alunos sobre o que foi lido e sobre o que pode vir a acontecer. Quanto mais se avança no texto, mais perguntas e previsões são feitas.

Em qualquer tipo de texto cabe o trabalho da pausa protocolada: narrativas, relatórios, receitas e outros. Com esse trabalho pode-se trabalhar tanto as inferências em relação ao significado de partes do texto, como a estrutura dos textos, a padronização de cada gênero, que o torna previsível. A conscientização das estruturas desses textos ajuda o aluno tanto na leitura quanto na produção de textos.

2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

As atividades propostas foram comuns às duas turmas objeto do nosso Plano de Ação, sendo trabalhados os mesmos livros de literatura infantil para as turmas de segundo e de terceiro ano. Apresento, a seguir, a descrição dessas atividades, para cada ano.

O início dos nossos trabalhos se deu na sala de aula, encontro que foi combinado antecipadamente com as professoras. Reunimo-nos nas salas de aula para conversar com as turmas sobre como aconteceria o trabalho. As crianças já estavam esperando e se mostravam curiosas e interessadas pelo que iria acontecer.

Na conversa, contei para elas sobre o curso que estava fazendo e da necessidade de desenvolver aquele trabalho. Contei também que havia escolhido o tema oralidade, que diz respeito à maneira como as pessoas se comportam durante uma conversa, tanto nos aspectos da fala, quanto da escuta. Para que as crianças tivessem uma noção do que estava falando, identifiquei alguns pontos que seriam observados e que fazem parte da oralidade, como participação, argumentação, gestualidade, ritmo, tom de voz e o respeito ao turno para falar. Disse à turma que faríamos esse trabalho utilizando histórias: eu contaria histórias, depois conversaríamos sobre o que elas traziam e faríamos debates sobre os assuntos daquelas histórias.

Algumas crianças se mostraram muito curiosas sobre o que aconteceria, fizeram perguntas sobre a escola, sobre o trabalho, querendo saber sobre os professores, sobre as notas, sobre a localização da minha escola e sobre os livros que iríamos ler. Outras questionaram sobre os aspectos que seriam observados, pois não sabiam do que se tratava. Expliquei sobre cada um dos aspectos e dei alguns exemplos naquela nossa conversa.

Contei a elas que a professora da sala seria minha ajudante e que me ajudaria a observar tudo que aconteceria durante o trabalho. Falei também, que já havia escolhido algumas histórias bem bacanas e que eu achava que elas iriam gostar.

Com a aprovação do grupo de crianças e com muito entusiasmo, fizemos alguns “combinados”: os encontros aconteceriam uma vez por semana, no dia dos encontros eles não poderiam faltar à aula e os livros que as crianças levassem para casa deveriam ser lidos para que já conhecessem a história no dia do encontro.

Marquei no calendário da sala o dia do próximo encontro e combinamos que iríamos variar os locais dos encontros, que seriam sempre às terças-feiras para a turma de segundo ano e às quintas-feiras para a turma de terceiro ano, sempre no segundo horário.

A seguir, apresentamos os trabalhos desenvolvidos com cada livro, nas duas turmas.

2.1 O imperdível menino que perdia tudo

O livro *O imperdível menino que perdia tudo*, de Marcelo Pires, fala de uma criança muito esquecida e divertida, da idade daquelas crianças do 2º e 3º anos. É uma história engraçada, que traz situações de perda, que com certeza, todos já viveram um dia. Achei que seria interessante podermos falar da história desse menino e das nossas histórias de esquecimento e de perdas. Era preciso garantir àquelas crianças a oportunidade de associar as histórias que iriam ouvir às suas vivências, para que tivessem material para participar dos debates com mais segurança. O trabalho com esse livro aconteceu na sala de aula em três encontros.

- Turma do Segundo Ano

Desde o primeiro encontro, pedi às crianças que ajudassem a organizar a sala para começarmos o trabalho. Organizamos as carteiras em círculo para que pudéssemos nos ver melhor, estendemos um tapete no chão e convidei as crianças para se sentarem nele para ouvirem a história. Comecei apresentando o livro; algumas crianças disseram que já haviam visto aquele livro na biblioteca, mas que não tinham lido, nem ouvido a história. Antes de contar a história, fiz algumas atividades explorando a capa, o nome do autor, a ilustração e a editora. Conte a história utilizando a estratégia da pausa protocolada e as crianças se mostraram atentas a tudo o que ouviam. Pedi às crianças que falassem sobre o título do livro: “Por que essa história tem esse título?”, “Esse título foi bem escolhido pelo autor?”, “Que outro título você daria a essa história?”.

As crianças estavam muito agitadas e começaram falando muito alto, sem aguardarem a vez para falar. Algumas crianças tentavam responder às perguntas que haviam sido feitas, mas outras se mostravam muito exaltadas e falavam rápido e alto. Paramos para fazer alguns combinados: falar, e não gritar; levantar a mão sempre que quisessem falar; e serem coerentes com o assunto combinado. Uma criança levantou a mão e começou a falar sobre a história, imediatamente o restante da turma se concentrou e passou a se envolver na conversa. As crianças comentaram sobre o título, perguntaram o que era imperdível e comentaram sobre alguns trechos que acharam engraçados, como “perdeu a hora”: “A gente nem pega na hora professora, como que perde ela?”. Encerramos esse primeiro encontro marcando no calendário da sala de aula a data do próximo. As crianças perguntaram como seria o próximo encontro e expliquei a elas que continuaríamos conversando sobre aquela história.

No encontro seguinte, organizamos a sala com o tapete e as carteiras em círculo e assim começamos o nosso trabalho. Antes de iniciar a leitura, lembrei ao grupo dos combinados: falar sobre o assunto da história, ouvir os colegas e pedir a vez para falar. Pedi que ficassem atentos a esses combinados para que todos tivessem a oportunidade de participar. Fiz a leitura do livro e propus que eles continuassem falando sobre a história: sobre o que aconteceu, se era uma boa história, do que eles mais gostaram e do que não gostaram na história, que falassem dos personagens e de tudo o que quisessem falar que tivesse relação com a história. Muitas crianças se dispersavam e apresentavam falas digressivas, como por exemplo: “Professora, minha mãe comprou iogurte pra mim e meu irmão, no BH.”, “Hoje, quando eu tava vindo pra escola, eu vi aquele menino que era da nossa sala e que não aprendia nada.”, sendo, portanto, necessário lembrar-lhes constantemente do nosso assunto.

A conversa seguiu num ritmo bom, algumas crianças conseguiam trocar ideias sobre a história, enquanto outras se irritavam ao ver suas opiniões não serem aceitas. A todo o momento era necessário pontuar as falas das crianças e pedir a elas que pensassem e argumentassem sobre suas falas. A cada posicionamento, era pedido que a criança explicasse por que pensava aquilo.

Para encerrar o debate, pedi que a turma pensasse como seria a história de cada um deles se tivessem de reescrever aquela história falando de si mesmos: “O que vocês já perderam?”, “Qual situação engraçada em que perderam alguma coisa?”. Assim encerramos o encontro e combinamos o novo dia para nos encontrarmos.

A cada encontro as crianças se mostravam mais eufóricas e falantes. Li a história novamente e todos ficaram muito atentos ao que ouviam. Algumas vezes foi necessário parar, pois as crianças queriam falar e estavam ansiosas, sendo difícil controlá-las e fazê-las aguardarem o momento do debate.

Assim que terminamos a leitura do texto, disse à turma que eles podiam falar, cada um na sua vez. Muitas histórias foram relatadas, sendo algumas tristes e outras muito engraçadas. Cada um queria contar um caso seu ou de algum colega e, dessa forma, as crianças se mantiveram mais centradas, ouvindo as histórias dos colegas. As crianças que ali estavam como espectadoras davam sinais de que entenderam a história e que haviam gostado dela, fato que pôde ser observado pelas conversas paralelas entre as crianças. As intervenções continuavam sendo feitas, ora para trazer a turma de volta ao assunto, ora para que ouvissem melhor os colegas ou para que fossem feitas argumentações coerentes acerca do que era dito.

Ao finalizar o nosso encontro, disse às crianças que na próxima semana iríamos ler um novo livro e que eu traria os livros para que lessem em casa.

- Turma do Terceiro Ano

Logo que cheguei à sala, lembrei às crianças de que para realizar aquele trabalho deveríamos nos concentrar nos temas em discussão e que não era um bate-papo livre.

Para começar, apresentei o livro e vi que algumas crianças já o conheciam. Antes de contar a história, fiz algumas atividades explorando o material do livro: capa, nome do autor, ilustração e editora. Conte a história usando a estratégia da pausa protocolada e as crianças se mostraram atentas a tudo que ouviam. Pedi às crianças que falassem sobre o título do livro: “Por que essa história tem esse título?”, “Esse título foi bem escolhido pelo autor?”, “Que outro título você daria a essa história?”.

As crianças começaram falando desordenadamente, muito alto e passando por cima das falas umas das outras. Elas se concentraram mais em falar sobre o menino, personagem do livro, do que em responder às perguntas feitas. Combinamos que sempre que alguém quisesse falar, deveria levantar a mão sinalizando. Fizemos muitas intervenções, pois a agitação era grande. Algumas falas do debate foram: “Esse menino é muito burro!”, “Ele não é burro não, é perdedor.”, “Por que você acha que ele é burro?”, “Ele não sabe de nada.” Deixei que as crianças interagissem e que respondessem às perguntas umas das outras, mas sempre que era necessário, atendia aos pedidos de mostrar uma gravura, para confirmar ou não uma hipótese, e dava a minha opinião, quando essa era pedida. As crianças apresentavam posicionamentos muito rigorosos em relação a algumas passagens da história. As crianças pediram para desenhar sobre a história e eu disse a elas que o nosso tempo já havia se esgotado e que não poderíamos mais fazer naquele dia.

Ao finalizar o debate, deixei com a professora cinco livros para que as crianças fizessem um rodízio e levassem para ler em casa, para que pudessemos continuar a conversar sobre eles no próximo encontro.

Durante a semana, entre um encontro e outro, todas as vezes em que eu me encontrava com algumas crianças dessa turma, elas queriam conversar sobre o livro ou saber em que dia eu voltaria à sala para deixar elas falarem sobre a história.

No encontro seguinte, algumas crianças já queriam falar sem parar. Lembrei a elas dos nossos combinados e pedi que esperassem para começarmos o debate e para que pudessemos aproveitar melhor nosso tempo. Organizamos a sala e convidei a turma para se assentar para ouvir a história.

As crianças traziam muitas informações que, na maioria, não se relacionavam à história, por isso, contei a história novamente e pedi que falassem sobre ela, o que aconteceu,

se era uma boa história, do que mais gostaram e do que não gostaram, que falassem dos personagens e sobre o que mais quisessem falar sobre o assunto. A turma estava agitada e, como as crianças não conseguiam se organizar, combinei que iria propor temas para discutirmos.

O primeiro bloco da discussão foi sobre o que elas acharam da história. As opiniões eram muito variadas, umas crianças gostaram muito e outras diziam que era muito chata, pois o menino só sabia perder as coisas. Algumas conseguiam explicar porque gostaram, outras diziam que não sabiam o porquê. Muitas riam e diziam que tinham achado a história muito engraçada, pois aquele menino ria de tudo, até quando perdia as coisas.

Em seguida, conversamos sobre os personagens. Nessa parte, também, as opiniões variaram bastante. Algumas crianças, mesmo com um vocabulário pobre, conseguiam se posicionar e argumentar sobre o que falavam. Ali estavam também crianças que não participavam e assistiam como espectadoras. O assunto não foi respeitado por todos: algumas crianças queriam falar sobre outras coisas e não se reposicionavam quando eram alertadas para esse aspecto. Muitas intervenções foram feitas na tentativa de chamar a atenção do grupo para os aspectos que estavam sendo observados.

As crianças se dispersavam durante o trabalho, mas traziam algumas falas bem interessantes sobre o texto: “Esse menino só perde coisa boba.”, “Eu já perdi mais coisa que esse menino.”, “Eu conheço uma menina que perde mais coisa que ele.”. E foi assim que encerramos aquele encontro, deixando no ar as perdas pelas quais as crianças já haviam passado. Mais uma vez, as crianças pediram para desenhar coisas do livro e combinei que no nosso último encontro sobre aquele livro faríamos isso. Marcamos no calendário o dia do próximo encontro. Os livros continuavam à disposição do grupo para ler em casa.

Ao chegar à sala para o próximo debate, as crianças já haviam organizado a sala em círculo e o tapete já estava estendido no chão. Mais uma vez, busquei apoio no livro para relembrar algumas partes dele. Relembrei com o grupo as falas do final do nosso último encontro, em que eles contavam sobre pessoas que já haviam perdido muitas coisas importantes, e pedi às crianças que falassem dessas pessoas e das suas histórias de coisas perdidas. A princípio, houve silêncio e as crianças ficaram se entreolhando, até que, aos poucos, uma começou a falar do colega, das passagens dos colegas em relação às perdas.

Ao final do encontro, disponibilizei folhas brancas, lápis de cor, lápis de cera e canetinhas para que eles pudessem desenhar o que quisessem sobre a história. A turma se envolveu muito com a atividade e as produções foram muito interessantes. Algumas crianças misturaram suas histórias com a história do livro. Ao finalizar o trabalho daquele dia, disse à

turma que na próxima semana iríamos ler um novo livro e que eu traria os livros para que lessem em casa e já chegassem ao encontro conhecendo a história.

2.2 Ana e Ana

O livro *Ana e Ana*, de Célia Cristina, foi apresentado ao grupo durante a semana para que as crianças pudessem levá-lo para casa e lê-lo. Cada criança poderia ficar com o livro por dois dias e, depois, repassá-lo para que as outras pudessem ler. A professora fez um sorteio para ver quem seria o primeiro a levar o livro para casa e, ao final da semana, todos já haviam realizado a leitura. O grupo que fazia parte do trabalho, formado pelas crianças assíduas e que se mostravam mais comprometidas com a proposta, já estava definido. Encontramo-nos três vezes para debater sobre esse livro.

- Turma do Segundo Ano

Convidei o grupo para nos reunirmos fora da sala de aula. As crianças se mostraram muito entusiasmadas e dirigimo-nos para o espaço, levando nosso tapete. Organizamos o local e cada um se acomodou da melhor maneira. Para começar, perguntei quem tinha lido o livro. Percebi que algumas crianças ainda não tinham o domínio da leitura e necessitaram da ajuda da família ou da professora, enquanto outras conseguiram realizar a leitura sozinhas.

Fiz a leitura da história e deixei que as crianças discorressem livremente sobre o texto, dando suas opiniões e fazendo perguntas. O assunto que trouxe mais empolgação e que possibilitou mais discussões no grupo foi a questão dos irmãos. As crianças falavam sobre seus irmãos e sobre as histórias que viviam juntos.

O assunto trouxe muita polêmica e, por isso, foi necessário fazer diversas intervenções para que os ânimos se acalmassem e para que elas conseguissem prosseguir com a conversa. Algumas crianças se posicionaram em relação ao título: umas não gostaram, outras não entenderam, e esse foi o assunto que encerrou o nosso encontro. Marcamos o dia do próximo encontro no calendário e disse à turma que continuaríamos conversando sobre aquele livro.

A inquietação das crianças continuou no encontro seguinte. Li a história e propus que conversássemos sobre os nomes. Queria que falassem sobre os nomes que apareciam na história e sobre os seus próprios nomes e, para que conversasse sobre esses assuntos, a turma foi organizada em pequenos grupos. Depois de um tempo, a turma se reuniu em um grande grupo para socializar o que cada grupo havia conversado. Cada grupo queria falar primeiro e,

assim, tivemos que organizar para que todos falassem na sua vez. As opiniões eram muito diferentes e isso trouxe discussões fervorosas.

As crianças se posicionavam a respeito dos nomes retratados na história e falavam dos seus nomes. Cada uma contava sobre a história do seu nome, sobre quem o escolheu, por que escolheu e se gostava ou não daquele nome. A agitação das crianças era algo que, na maioria das vezes, atrapalhava o andamento das nossas conversas. Por isso, era essencial que muitas paradas acontecessem para que colocássemos ordem no debate e pudéssemos continuar a conversa. Era necessário, também, incentivar algumas crianças a participarem dos debates, pois essas, muitas vezes se sentiam acuadas por aqueles que falavam muito.

Mais uma vez, realizei a leitura da história. Orientei o grupo que o tema do nosso debate eram as profissões, tanto as que apareciam no livro, como outras profissões que elas conheciam e que queriam conhecer. As crianças se mostravam muito curiosas a respeito das profissões que apareciam no livro e, assim, fizeram muitas perguntas. Houve muitas tentativas de responder a essas perguntas pelos próprios colegas, alguns deram voltas e não responderam nada, outros deram boas respostas às perguntas feitas.

Perguntei às crianças quais profissões querem ter quando crescerem e, isso, mais uma vez, trouxe muita polêmica, pois alguns queriam defender as profissões dos pais, mas o que se ouvia era: “Minha mãe fala que eu não posso ter um trabalho igual ao dela.”, “Meu pai disse que eu preciso estudar para ter um trabalho melhor que o dele.” A contradição entre as falas de algumas crianças era muito grande e, para tentar solucionar isso, couberam muitas intervenções, mostrando a elas que uma fala contradizia a outra. Algumas crianças conseguiam entender isso com facilidade e até mesmo se corrigiram, mas, para outras, isso não fazia sentido.

Essa parte do debate contou com uma participação mais intensa daqueles que já faziam parte do grupo de falantes e, com isso, os excessos tiveram de ser contidos com muitas intervenções. Encerramos o trabalho com aquele livro fazendo uma avaliação de alguns pontos que achávamos que podiam melhorar e apontando avanços na participação do grupo.

- Turma do Terceiro Ano

Combinamos de fazer o encontro daquele dia do lado de fora da sala e fomos para um espaço bem arejado e tranquilo, localizado atrás das salas de aula, levando o nosso tapete. Organizamos o lugar e rapidamente as crianças se acomodaram para que eu pudesse dar início à leitura. Perguntei quem tinha lido o livro e, para minha surpresa, todas as crianças que

faziam parte do grupo observado levaram e leram o livro; apenas três crianças da turma não fizeram a leitura em casa. Li a história e deixei que as crianças comentassem livremente sobre o texto. As opiniões eram muito diferentes, e, por isso, a conversa foi inflamada, sendo necessário fazer diversas intervenções para que uns ouvissem aos outros. Propus, então, que cada um dissesse o que tinha achado da história e que os outros escutassem, para que pudessem opinar a respeito do que o colega dizia.

A toda oportunidade, mostrava ao grupo as vantagens de falar baixo, de esperar a vez para falar e de se pensar antes de dar a opinião. O título foi questionado por uma criança que dizia não entender o porquê de “Ana e Ana”, “um nome tão feio e repetido, ainda.” Isso trouxe a questão do nome para o nosso debate, mas tivemos de deixar essa parte para o próximo encontro.

No encontro seguinte, li o livro novamente e disse que iríamos conversar sobre os nomes. Dividi a turma em pequenos grupos e pedi que conversassem sobre a história e sobre os nomes deles e da história. Deixei que os pequenos grupos conversassem por 20 minutos, enquanto circulávamos na sala e fazíamos as devidas intervenções, quando necessário. Em cada grupo, percebia-se a liderança de algumas crianças e a tentativa de organizar a conversa, lembrando as outras dos combinados e das observações que estavam sendo feitas. As crianças mais participativas dominavam o debate. Dessa forma, foi necessário organizar para que todos tivessem chance de falar.

Em seguida, formamos um grande grupo e, em círculo, ouvimos sobre o que as crianças tinham conversado. As crianças falaram dos nomes delas, se gostavam, se não, porque tinham esses nomes, como queriam se chamar e por quê. Algumas crianças conseguiram se posicionar diante de suas opiniões e do que era dito pelos colegas.

De volta à sala, combinamos que no próximo encontro, após o debate, faríamos a parte do desenho daquela história. Marcamos o nosso encontro no calendário.

Ao chegar à sala no encontro seguinte, o grupo já estava organizado para nos dirigirmos ao espaço de trabalho. Percebi que, mesmo as crianças que participavam pouco e que não eram assíduas, estavam bastante envolvidas com o trabalho e se mostravam interessadas em tudo o que se relacionava a ele. As crianças continuavam a conversar sobre o livro e sobre todo o trabalho quando nos encontrávamos em outras atividades.

Continuamos o trabalho desse livro fora da sala. A organização do espaço foi ainda mais rápida do que das outras vezes. Li o livro novamente e propus que conversássemos sobre as profissões que apareciam no livro e sobre outras profissões que as crianças conheciam ou que queriam conhecer. A princípio, o que mais surgiu foram perguntas sobre as profissões da

história e sobre outras profissões, como: “O que faz uma arquiteta?”, “Como que o bombeiro consegue segurar a mangueira que é pesada?”, “O médico não fica doente, não?”, “Perto da minha casa só tem faxineira e pedreiro.”, “Minha mãe disse pra eu estudar, pra não ficar igual a ela e a meu pai, que sofrem no trabalho.”, “Você sofre no trabalho, professora?”. Essas e outras perguntas nos levaram a uma discussão sobre diversos pontos de vista. Cada criança falou sobre a profissão dos pais ou dos seus responsáveis e passaram a falar dos seus sonhos para o futuro. As crianças fizeram desenhos representando profissões que conheciam ou que desejavam.

2.3 A árvore generosa

A *árvore generosa*, de Shel Silverstein, foi o livro escolhido para o debate pela forma encantadora com que o autor trata o tema generosidade. As crianças têm poucas oportunidades para falarem e ouvirem sobre valores, sobre sentimentos e sobre o que vivem, e essa foi uma boa oportunidade para que isso acontecesse. Possibilitar às crianças a falarem sobre suas vivências e sobre suas histórias pode ser um bom caminho para que elas se expressem com mais segurança, mais espontaneidade e para que se sintam mais à vontade ao se posicionarem diante do grupo. Os livros foram distribuídos durante a semana para que as crianças fizessem a leitura em casa. Encontramo-nos duas vezes para conversar sobre esse livro.

- Turma do Segundo Ano

Convidei a turma para realizarmos o trabalho daquele livro na biblioteca e dirigimo-nos para lá. Os funcionários da biblioteca estavam muito dispostos a nos ajudar e enriquecer nosso trabalho. Ao apresentar o livro para o grupo, eles vibraram dizendo que já conheciam aquela história, pois a professora havia lido para a turma em outra ocasião. As crianças haviam relido a história em casa também. Depois de ler a história mais uma vez, pedi que falassem sobre o texto, o que acharam da história, do que não gostaram, se tiveram alguma dificuldade para entendê-la. Como já era uma história conhecida, a conversa se iniciou com mais facilidade.

As crianças participavam com mais espontaneidade e estavam mais seguras. A professora contou que quando ouviram a história, as crianças gostaram muito e que fizeram muitas perguntas, como: “O que é generosidade?”, “Como que faz generosidade?”, “Eu não

sei direito o que é generosidade.” Foi assim, tentando ajudar as crianças a encontrarem respostas para suas perguntas e tentando relacionar o tema do livro com suas vivências que trabalhamos esse livro.

No segundo encontro, fomos à biblioteca para dar continuidade ao trabalho. Reli a história para a turma e pedi que pensassem no tema do livro: generosidade. Perguntei quem queria falar sobre generosidade, se conheciam alguma outra coisa que se parecia com generosidade e pedi que falassem o que quisessem sobre o assunto. Algumas crianças falavam de bondade e conseguiam se expressar com clareza, contando situações em que haviam vivenciado isso. Outras crianças se mostravam confusas e não conseguiam dar sequência, com coerência, à conversa. Havia um grupo que não participava ativamente e não se mostrava à vontade para falar espontaneamente, mas que quando era questionado, se expressava com coerência.

- Turma do Terceiro Ano

Os livros foram lidos por todas as crianças da turma. Mesmo as crianças que participavam pouco dos debates mostravam muito interesse em levar o livro para casa e para lê-lo. Muitas crianças tiveram dificuldade de entendimento do texto e, durante a semana, fizeram questionamentos para a professora sobre alguns pontos do livro.

Contei a história e, no decorrer da leitura, fizemos algumas pausas para tirar dúvidas. Propus que cada um falasse o que tinha achado da história e que, quem não tivesse compreendido, fizesse perguntas e dissesse o que tinha achado difícil, o que não tinha entendido. A discussão foi interessante, pois as crianças não conseguiam entender o porquê de algo que era tão natural para elas, a árvore nos oferecer o que ela tem, a beleza, os frutos e as flores, era considerado pelo autor uma coisa maravilhosa, generosidade.

No encontro seguinte, logo que cheguei, a turma já estava organizada. Li o livro mais uma vez e pedi que falassem sobre o tema generosidade. Para que a turma se organizasse e pudesse pensar no assunto para o debate, fiz algumas perguntas tentando orientar o rumo da conversa, como por exemplo, “Você sabe o que é generosidade?”, “Você já foi generoso com alguém?”, “Alguém já foi generoso com você?”. Foi por aí que o nosso debate transcorreu, com relatos interessantes sobre fatos da vida das crianças e de pessoas conhecidas. A troca de informações entre as crianças era cada vez maior: umas ajudavam as outras relembrando partes da história ou associando partes do livro com fatos que haviam vivido.

2.4 A história do leão que não sabia escrever

O livro de Martin Baltischeit, *A história do leão que não sabia escrever*, estava diretamente ligado à realidade daquelas crianças, uma vez que, muitos pais, irmãos e outros familiares delas não sabem ler nem escrever. Por isso, levei aquele livro para uma leitura expressiva, que encantou a todos e nos levou a refletir sobre o que era real na vida deles.

- Turma do Segundo Ano

O trabalho com esse livro aconteceu na sala de aula. Conforme combinamos, a professora já havia lido o livro para a turma no dia anterior, no final da aula. Quando cheguei e mostrei o livro, as crianças ficaram muito eufóricas dizendo que também já conheciam aquela história, que a professora tinha contado. Comecei, então, explorando a capa, o título, o nome do autor e contando a história. Quando terminei, pedi que a turma falasse sobre a história.

Muitas crianças se manifestaram, contando sobre a parte de que mais gostaram, falando sobre os personagens e relacionando a história com suas vidas. Foi muito interessante ouvir as crianças contarem as histórias dos pais que não sabem ler nem escrever e muitas delas tentaram justificar isso, dizendo que “isso não vai mais acontecer, porque agora tem escola para todo mundo e todo mundo pode aprender a ler e a escrever.” As falas dos pais eram reproduzidas pelas crianças e era com muita certeza que elas defendiam as ideias de que “Você tem que estudar pra ser alguém na vida.”, “Se você não estudar ninguém te respeita.”.

Encerramos essa parte do trabalho com uma reflexão muito boa sobre o assunto, com a qual foi possível pensar com as crianças sobre questões reais da situação dos pais e delas que tem a oportunidade de estudar e que podem fazer isso de uma forma melhor, se quiserem. As crianças conseguiam relacionar a história às vivências, e a pessoas com as quais convivem.

- Turma do Terceiro Ano

Fomos para a biblioteca realizar o trabalho daquele livro e lá nos organizamos no tapete. Comecei o encontro apresentando o livro para a turma, explorando elementos como a capa, o título e o nome do autor. Li a história e perguntei o que eles acharam dela. Esse seria o fio condutor daquele debate. As crianças se manifestaram mais nesse dia, comparavam o leão às pessoas que conheciam e até com elas mesmas; a leoa ganhou lugar de destaque e se

equiparou à professora, que os havia ensinado a ler e a escrever. Ouvimos algumas falas interessantes, como: “Se meu pai tivesse estudado ele tinha aprendido a ler.”, “Meu avô não deixou minha mãe estudar porque ela era pobre, falou que era pra ela trabalhar.”, “O Mateus da sala 13 não sabe ler porque na casa dele todo mundo é burro.”.

Após o longo debate, em que as crianças tentavam entender e explicar o motivo de algumas pessoas não terem estudado, encerramos o nosso encontro. Disse à turma que trabalharíamos com um novo livro no próximo encontro e que deixaríamos o desenho daquele livro para outro dia, pois tínhamos demorado muito na conversa e não havia tempo suficiente para a realização do desenho. Pedi a uma criança que, ao chegar à sala de aula, marcasse o nosso próximo encontro no calendário.

2.5. Quem tem medo do ridículo?

O livro *Quem tem medo do ridículo?*, de Ruth Rocha, era o suporte que teríamos para os encontros seguintes. O livro é muito engraçado e traz situações que são reais na vida das crianças daquela idade, por isso seria um bom material de discussão. O livro foi entregue com antecedência para que as crianças o lessem em casa e foi mantido o rodízio, para que todos tivessem oportunidade de ler. Reunimo-nos duas vezes para conversar sobre esse livro

- Turma do Segundo Ano

Convidei o grupo para nos reunirmos na parte externa da sala de aula. Isso trouxe muita agitação para a turma, então, combinamos que era preciso que eles se acalmassem para que os trabalhos transcorressem com tranquilidade. A turma se acalmou e foi possível seguir com todos para o espaço. Chegando ao local, perguntei se todos haviam lido o livro e percebi que, de uma forma ou de outra, todos tinham realizado a leitura. Alguns ainda precisaram da ajuda da família ou da professora. Li a história novamente e pedi que a turma ficasse atenta aos detalhes. Muitos eram os momentos em que a história tinha que ser interrompida pelas risadas e comentários. Ao fim da leitura, pedi que as crianças falassem sobre a história e sobre as situações que aconteceram e deram o título ao livro.

O movimento da turma em torno dessa história foi muito interessante, eles se organizaram e trocaram ideias entre si. Cada um ajudava o colega com colocações que enriqueciam a discussão, compartilhando ideias, palavras e expressões do livro, que facilitavam a participação daqueles que apresentavam mais dificuldade.

Foi com euforia que as crianças foram para mais um dia de trabalho com o livro da Ruth Rocha. À medida que o texto era lido, ouvia-se, baixinho, comparações com situações vividas pelas crianças. Ao final da leitura, todos queriam contar suas histórias. As crianças mais falantes começaram contando suas histórias, explicando porque elas poderiam fazer parte daquele livro. As crianças mais caladas foram chamadas a falar, pedi que pensassem em qualquer situação em que tivessem ficado com vergonha e, diante desse pedido, mesmo de maneira tímida ou com poucas palavras, elas se posicionaram, contando suas histórias e até mesmo rindo delas. O grupo estava concentrado nas falas dos colegas e participava com tranquilidade, dando opiniões e acrescentando detalhes ao que era contado na roda.

Nesse dia, sugeri às crianças que elas registrassem, com desenhos, aquelas situações que haviam relatado ali, o que os deixou muito eufóricos. Os resultados desses registros foram muito interessantes e eles conseguiram retratar as situações que tinham vivido, aproveitando as ilustrações do livro.

- Turma do Terceiro Ano

Como as crianças leram o livro com antecedência, logo que nos encontramos, elas já faziam comentários sobre a história, riam das cenas, das ilustrações e de tudo o que aquela história trazia como algo comum na vida delas. Trabalhamos aquele livro em sala e o grupo já se sentia responsável em organizar a sala. Li o livro para que juntos pudéssemos nos deliciar com aquele texto. Sugeri que falassem do que tinham gostado mais e do que não tinham gostado. Orientei a turma dizendo que só podia falar quem pedisse a vez e quem conseguisse escutar o que os colegas diziam.

Os comentários feitos sobre a história se misturavam às histórias das crianças, mas sempre que era pedido, elas retornavam aos comentários sobre o texto. A conversa aconteceu de forma mais tranquila e as intervenções foram feitas com menos frequência. As crianças deram boas risadas contando passagens do livro e de suas vidas. Pedi a um aluno que marcasse no calendário o dia do nosso próximo encontro e pedi a eles que tentassem pensar em situações que eles tinham vivido e que poderiam fazer parte daquele livro.

O encontro seguinte foi marcado por muita euforia, as crianças chegaram muito falantes, querendo contar sobre suas vivências com o ridículo. Após organizarmos a sala, escutei vários pedidos para ler a história novamente: “Lê, essa história é boa demais!”, “Eu queria conhecer essa menina tão engraçada.” Depois que reli a história, pedi a eles que contassem situações que haviam vivido e que poderiam fazer parte daquele livro.

Uma a uma, as crianças foram se colocando, se posicionando, contando seus casos, pedindo a vez para falar e tentando se adequar ao que já haviam percebido como “ideal” em uma conversa. As palavras eram escolhidas como se estivessem lendo um livro. Ainda fizemos muitas intervenções em relação ao tom de voz e à argumentação, que deveria ser coerente com o que estava sendo discutido, e em relação à participação, que ainda não acontecia para todos. O grupo se mostrou ainda mais atento a essas questões.

Esse foi um debate muito divertido, em que as crianças conseguiram transformar em engraçado situações que foram tidas como desastres num outro momento.

Encerramos o debate para que os desenhos sobre o livro fossem feitos e para que cada um pudesse registrar parte da história ou uma situação que tivesse vivido.

2.6 Anália, Natália, Amália

Para essa parte do trabalho, escolhi um livro que trata a questão da família de uma forma singela: *Anália, Natália, Amália*, de Lorenz Pauli. Esse livro foi escolhido para que o assunto fosse pensado pela turma e para que eles pudessem falar sobre seus sentimentos.

- Turma do Segundo Ano

Ao iniciar os trabalhos, sugeri que fizéssemos o nosso encontro em sala, mas as crianças pediram para irmos à biblioteca, pois lá tinha mais pessoas para participar do debate. Pedi uma criança para ir à biblioteca perguntar se podíamos nos reunir lá. Chegando à biblioteca, explicamos às pessoas que lá trabalham, o porquê de estarmos lá e elas se mostraram muito interessadas com o fato. As crianças já haviam levado o livro e realizado a leitura em casa. Fiz a leitura do livro e perguntei quem havia lido em casa e quem queria falar alguma coisa sobre a história ou sobre algo que se relacionasse a ela. Todas as crianças fizeram a leitura em casa e mostravam ter gostado muito da história. Os comentários do texto vinham junto aos casos e detalhes sobre suas famílias. Surgiram muitas comparações entre a família da história e as suas famílias, as crianças falavam sobre suas vivências. A conversa foi interessante, algumas crianças tentavam orientar outras a falarem e a escutarem de uma forma adequada.

Ao final do encontro, informei ao grupo que aquele seria o nosso último livro trabalhado, pois estávamos chegando ao final do ano. Avisei à turma que na semana seguinte eu voltaria para contar mais uma história e me despedir.

- Turma do Terceiro Ano

Ao chegar à sala para dar início aos trabalhos, as crianças estavam agitadas e pediam para fazermos os trabalhos fora da sala. Decidimos então, que iríamos para o mesmo local onde já havíamos nos reunido. Fomos até o local e o organizamos para que pudéssemos ficar bem à vontade e confortáveis. Depois de explorar a capa do livro, o autor, o ilustrador e a editora, fiz a leitura da história. Disse ao grupo que esse debate seria livre e que cada um poderia falar o que quisesse, mas que, para que isso funcionasse havia uma condição: era preciso ter atenção com o assunto do texto; não valia falar sobre qualquer assunto. As crianças se empolgaram e soltaram a voz. Ao falar do texto, elas contavam casos de suas famílias, de famílias que achavam diferentes, fizeram perguntas sobre a história e sobre as famílias de quem estava ali. Pedi ao grupo que se organizasse para voltarmos à sala para fazermos o desenho sobre aquela história.

Contei para as crianças que, como estávamos chegando ao final do ano, aquele seria o nosso último livro trabalhado e que, na semana seguinte, eu voltaria para contar uma história e me despedir. A reação das crianças foi de pedir que continuássemos com aquele trabalho para que ouvissem mais histórias, para que pudessem falar e fazer desenhos sobre elas. Depois de muita lamentação, sugeri a eles que falassem do trabalho com a próxima professora e que pedissem a ela que sempre contasse histórias para eles. Assim aconteceu o nosso último debate.

2.7 João Esperto leva o presente certo

O livro *João Esperto leva o presente certo*, de Candace Fleming foi o livro escolhido para o último encontro. Essa história sobre um menino passa por tantas aventuras e consegue realizar seu sonho iria encerrar aquele trabalho de tantos desafios.

- Turma do Segundo Ano

Assim que cheguei à sala, pedi às crianças que falassem um pouco do trabalho que havíamos feito, se gostaram, se aprenderam alguma coisa e o que mais quisessem falar sobre tudo que havia acontecido. Muitas crianças se posicionaram dizendo que queriam mais, que tinham aprendido a falar direito e a ouvir as pessoas, que tinha que prestar atenção em como se fala certo. Depois de conversarmos mais sobre o trabalho, contei a história e disse a eles

que aquele era o meu agradecimento por tudo que havíamos feito juntos, que eu tinha aprendido muito com eles e que eles tinham me ajudado bastante. Assim finalizei o trabalho com o grupo do 2º ano.

- Turma do Terceiro Ano

Logo que cheguei, disse à turma que ficaríamos na sala e que gostaria que elas comentassem um pouco sobre o trabalho que havíamos feito, e não sobre a história. A história que eu iria contar seria como um presente, um agradecimento pela colaboração deles com o meu trabalho. A turma mostrou tristeza em ver o nosso trabalho chegar ao fim, mas houve posicionamentos positivos de várias crianças: “Eu gostei, aprendi que tem que pedir a vez pra falar.”, “Eu não sabia que podia falar coisas que meu colega já falou.”, “Eu gostei de contar coisas da minha vida.”, “Você podia continuar contando essas histórias e deixando a gente falar o que a gente achou.”.

Propus que fizéssemos o último desenho, que retrataria o nosso trabalho. Muitas crianças referiram-se às histórias que ouviram, outras desenharam cenas em que eu aparecia contando as histórias que tanto as encantaram.

Finalizei o encontro agradecendo mais uma vez ao grupo pela participação no trabalho e pelas coisas que eu tinha aprendido com eles.

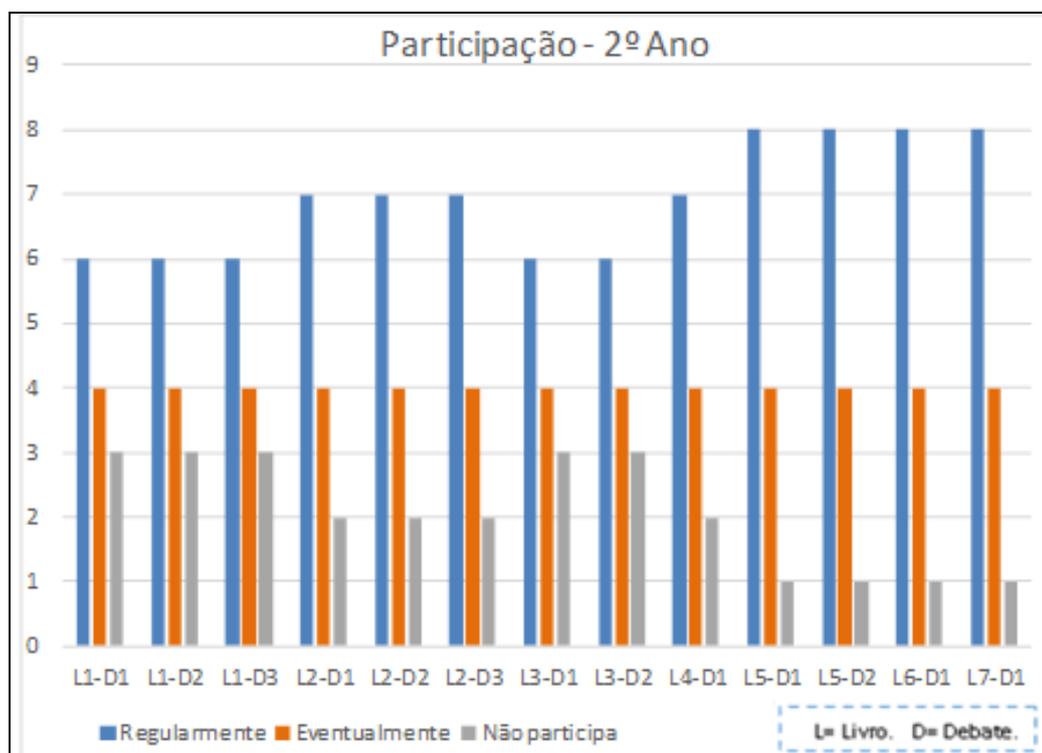
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados foi feita levando em consideração a participação, a argumentação e o tom de voz dos alunos das duas turmas.

3.1 Segundo Ano

Analisando o gráfico da participação nos debates da turma de segundo ano (GRAF. 1), observa-se uma variação da participação em relação a alguns dos livros trabalhados. Nos debates referentes ao mesmo livro, os dados se mantêm.

Gráfico 1 – Participação da turma de Segundo Ano



Fonte: Dados da pesquisa.

O número de participantes se manteve nos debates do primeiro livro, conforme demonstrado por meio do Gráfico 1. Percebia-se que as crianças estavam fazendo um reconhecimento da real situação, do que era e do que não era permitido. Em muitas situações a professora e eu éramos desafiadas por elas, que tentavam transgredir e criar novas regras.

Nos trabalhos com o segundo e quarto livros (GRAF. 1), o grupo apresentou uma participação mais efetiva. Além do aumento da participação, o grupo estava mais envolvido e

apresentava nova postura em relação à participação dos colegas e à sua própria participação. Era visível como um pequeno grupo se mantinha centrado e cada dia mais integrado nas discussões. Esse grupo, que era referência para o restante da turma, incentivava os outros colegas a participarem e dava dicas sobre o assunto em questão.

Houve uma queda na participação nos debates sobre o terceiro livro, ao comparar-se a participação em relação ao trabalho com o livro anterior e, como se observa no Gráfico 1, o nível de participação da turma nos debates sobre o terceiro livro se equiparou à participação observada nos primeiros debates. Uma possível explicação para essa queda na participação se deve ao fato de que talvez o assunto do livro, generosidade, seja um tema que não faça parte do repertório de assuntos conversados entre os alunos, o que pode ter trazido hesitação e insegurança às crianças para participarem dos debates.

Nos debates do quinto e do sexto livros e no debate de encerramento, houve uma elevação satisfatória na participação, como se nota no Gráfico 1.

Muitas mudanças foram observadas na participação das crianças no decorrer do trabalho: ao longo do tempo, elas participavam com mais espontaneidade e segurança. Mostravam-se mais envolvidas com o trabalho e assim conseguiam se comunicar e trocar ideias e informações com mais frequência.

Nos dias em que as crianças estavam mais tranquilas, a participação era mais efetiva e proveitosa. Nesses dias, até as crianças mais tímidas conseguiam articular as falas e participar, mesmo que de forma pouco ativa.

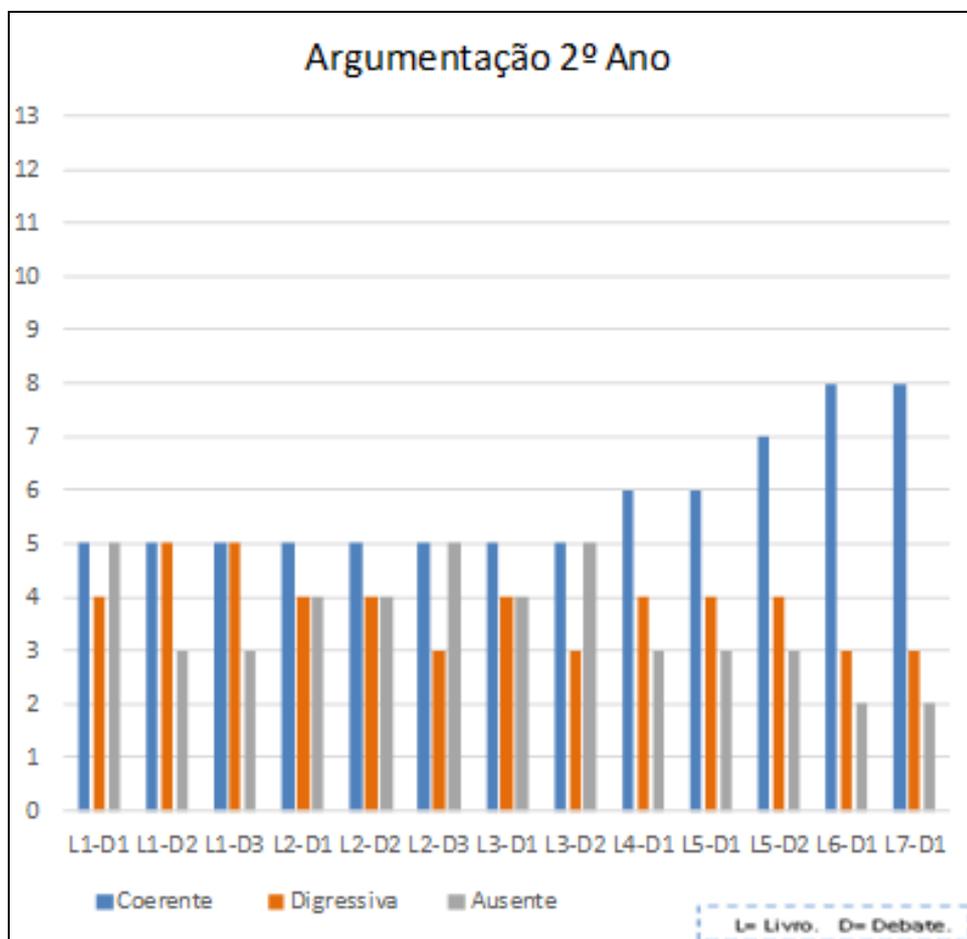
Em relação à argumentação, percebe-se que o grupo de participantes que apresentavam uma argumentação coerente se manteve estável até os debates do terceiro livro, evoluindo bastante até o final do trabalho, conforme o Gráfico 2, a seguir.

Percebemos que o conhecimento do texto dava às crianças uma garantia maior para expressarem e defenderem suas opiniões, como foi visto nos livros 2 e 4, que tratavam de assuntos dos quais eles tinham conhecimento. Nos debates, as crianças tentavam escolher as melhores palavras para defender o que estavam falando, e isso aguçava a curiosidade de algumas crianças em relação ao significado das palavras. Ainda tinha um grupo de pouca fala e outro que apresentava uma fala digressiva: enquanto falávamos da história, queriam contar casos.

Muitas intervenções continuaram sendo feitas para que o grupo se reposicionasse em relação à argumentação. Pedi a eles que observassem se estavam argumentando com coerência e para que tivessem falas menos digressivas. Víamos que o grupo evoluía a cada

novo debate, mas ainda tínhamos alguns pontos insatisfatórios e algumas crianças que não apresentavam avanços na argumentação.

Gráfico 2 – Argumentação da turma de Segundo Ano



Fonte: Dados da pesquisa.

As crianças estavam aproveitando cada vez mais a oportunidade de expressarem suas ideias e de se fazerem ouvir. A turma se mostrou cada dia mais organizada e interessada nos debates. Ainda foram feitas intervenções, mas as crianças conseguiam se posicionar e justificar esse posicionamento em um tom de voz cada vez mais adequado.

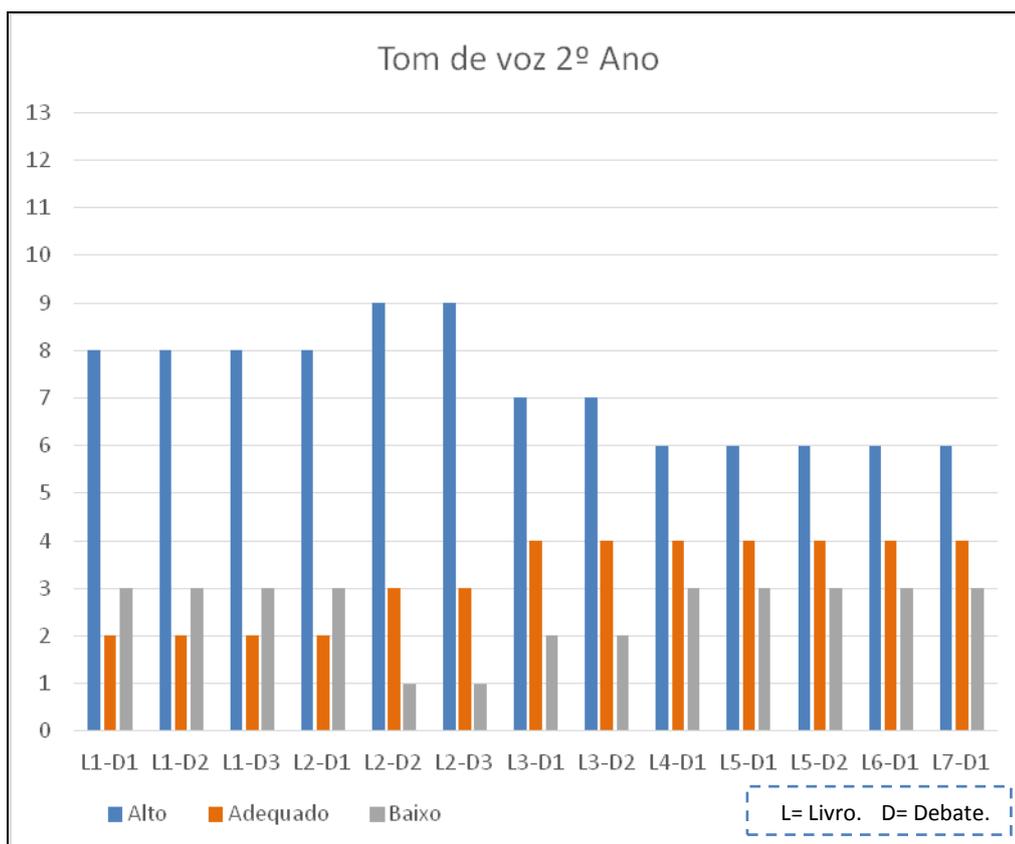
A cada novo encontro percebia, em algumas crianças, um cuidado maior ao falar, cuidavam do tom de voz (GRAF. 3), da maneira como pediam para falar e da necessidade de respeitarem a vez do colega.

Em alguns debates o tom de voz estava mais elevado, pois as crianças se mostravam mais agitadas. Observando o Gráfico 3, apresentado a seguir, a partir do terceiro livro, o número de crianças que adequaram o tom de voz se estabilizou. A partir do quarto livro,

houve uma diminuição do número de crianças com o tom de voz alto e um aumento do número de crianças com tom de voz baixo.

Era visível a diferença daquele grupo do início do nosso trabalho para o último. Ali, estava um grupo mais organizado, mais seguro e com uma participação mais ativa e mais significativa nos debates e no dia a dia, como é possível observar a partir do Gráfico 3.

Gráfico 3 – Tom de voz da turma do Segundo Ano



Fonte: Dados da pesquisa.

3.2 Terceiro Ano

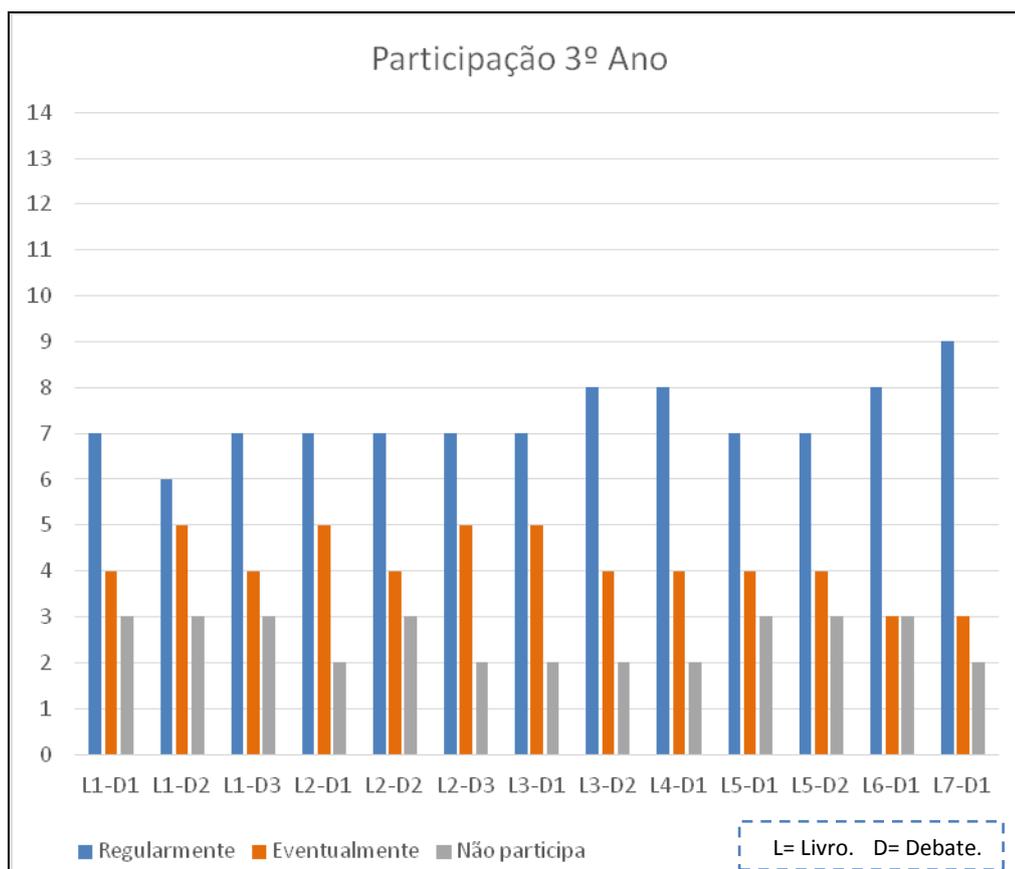
A participação da turma desde o início do trabalho foi de muito interesse e motivação. As crianças se mostravam alegres com aquela situação, que lhes parecia nova.

Tivemos uma participação cada vez maior das crianças. A participação variava de acordo com o livro trabalhado e com o assunto em discussão, como no caso do livro *Ana e Ana* e *A história do leão que não sabia escrever*, em que foi possível observar uma participação mais ativa, como se vê no Gráfico 4, a seguir. No último livro e no debate final, a

participação também foi bastante significativa, as crianças já se mostravam mais integradas e preparadas para o trabalho.

A participação foi aumentando e se tornando mais satisfatória à medida que algumas crianças tomaram a liderança, se apropriando de recursos para participarem com mais segurança. Essas crianças passaram a orientar e a incentivar as outras a participarem.

Gráfico 4 – Participação da turma de Terceiro Ano



Fonte: Dados da pesquisa.

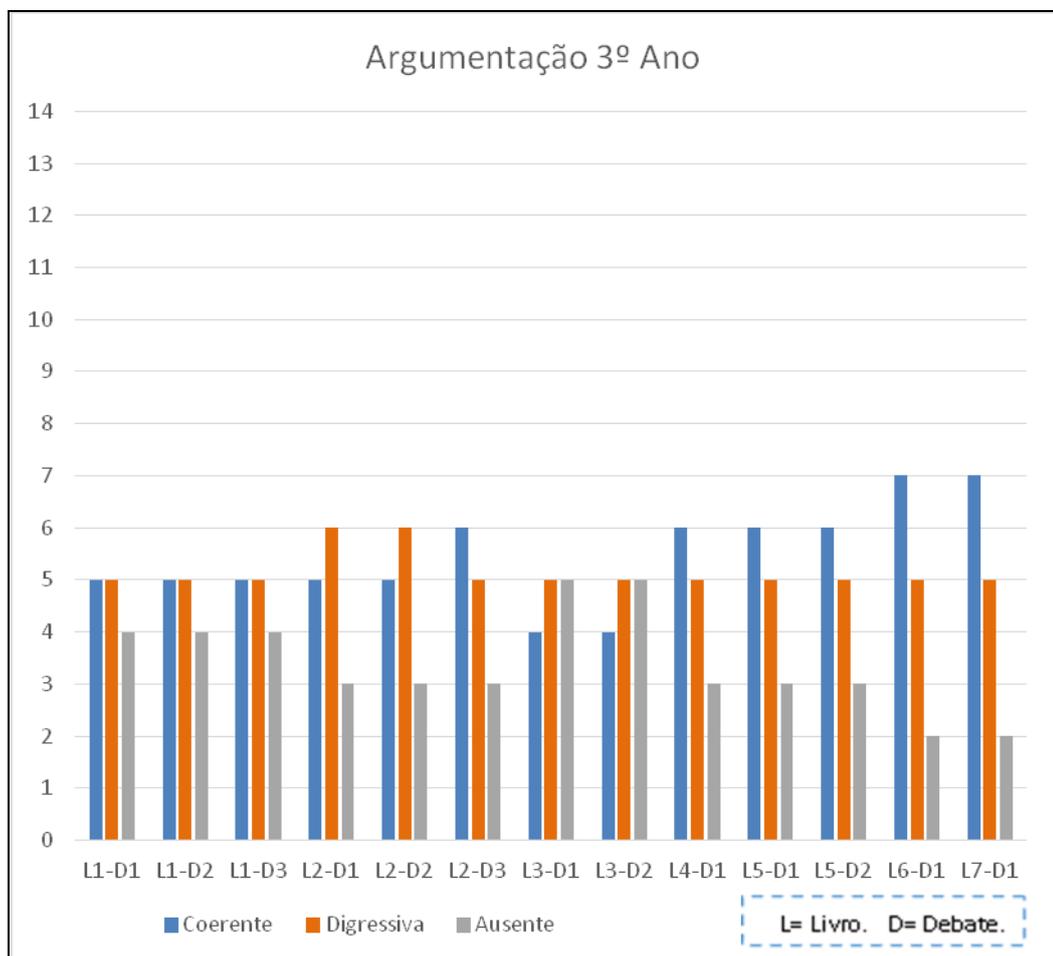
Apesar de ainda ser preciso orientar o grupo e fazer intervenções a todo o momento, percebi que as crianças estavam tentando se apropriar daquele universo. Aquelas crianças não conheciam e nunca tinham sido chamadas a atenção para aqueles aspectos da oralidade e, por isso, estavam cada dia mais se mostrando mais seguras para se posicionarem e para pedirem a palavra.

Era visível que, quando o assunto era mais próximo da realidade do grupo, as crianças se sentiam mais à vontade para falar e se expressavam com mais propriedade. As crianças se mostravam cada vez mais atentas aos aspectos da oralidade, mas ainda assim, muitas ainda

tinham dificuldades. As próprias crianças chamavam a atenção umas das outras tentando ajudá-las a se posicionar melhor e a participar mais ativamente dos debates.

No início do trabalho, a argumentação do grupo era pouco significativa, mas foi pouco a pouco se tornando mais coerente e menos digressiva, como se observa por meio do Gráfico 5, a seguir. Foi muito interessante ver como algumas crianças já conseguiam se posicionar com argumentos mais coerentes, procurando palavras adequadas para argumentarem sobre suas hipóteses e seus posicionamentos.

Gráfico 5 – Argumentação da turma de 3º Ano



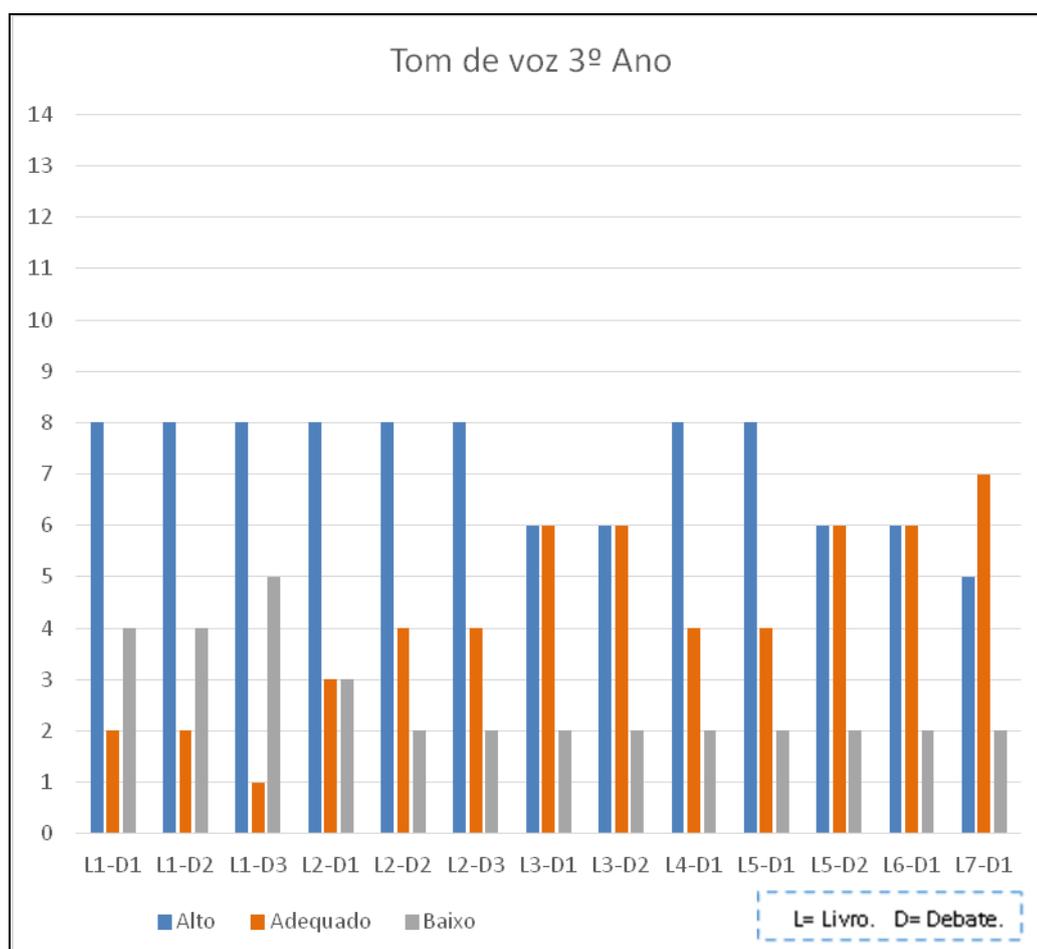
Fonte: Dados da pesquisa.

Aqui temos também um grupo que lidera os debates e que coordena as conversas. Esse grupo é muito significativo para o restante da turma, pois o incentiva e dá boas dicas sobre os assuntos em discussão. Em algumas situações, porém, esse grupo se mostrou muito rigoroso com os colegas, repreendendo aqueles que falavam sobre assuntos que estavam fora de questão, assim como os que falavam alto e que se dispersavam. Nós também fizemos

intervenções, mas tentamos ter o cuidado para não tirarmos das crianças a vontade e a coragem de se posicionarem nas rodas de conversa.

O resultado alcançado em relação ao tom de voz foi bastante satisfatório, considerando que houve uma queda no índice do tom de voz alto e no baixo e uma elevação no índice do tom de voz adequado (GRAF. 6). Nos debates em que as crianças estavam mais agitadas, se empolgavam mais com o assunto havia uma elevação no tom de voz.

Gráfico 6 – Tom de voz da turma de 3º Ano



Fonte: Dados da pesquisa.

A interação das crianças durante o debate foi aumentando cada vez mais, umas ajudavam as outras a participar, a voltarem ao assunto em questão e a controlarem o tom de voz. As crianças se expressavam cada dia mais nos debates, falavam com mais espontaneidade e com mais clareza. Percebo que o grupo estava se organizando melhor nos debates, mas algumas crianças ainda não conseguiam se posicionar e participavam apenas como espectadoras.

Percebi mudanças em algumas crianças que tentavam controlar os aspectos que sabiam que estavam sendo observados como participação, argumentação e tom de voz. Porém, as mudanças foram além desses aspectos: percebi um ritmo mais adequado na fala e um respeito maior ao turno para falar e à fala do outro. Os aspectos observados ainda se mostravam muito difíceis para outras crianças que não conseguiam participar e que não tentavam argumentar ou para as que se exaltavam, se agitavam e não conseguiam ser coerentes com o assunto em discussão.

Em muitos dos debates, principalmente no livro quatro, *A história do leão que não sabia escrever*, a discussão passou por momentos em que muitas intervenções foram feitas para que as crianças, além de ficarem atentas aos aspectos que vinham sendo observados, pensassem sobre a real situação dos pais e de outros parentes que não haviam estudado e de tudo o que era falado sobre o assunto. Percebia-se, cada vez mais, uma atenção maior das crianças em todos os aspectos que estavam sendo observados. As crianças apresentavam uma nova postura naqueles debates e nas situações de conversas do dia a dia. Era evidente o efeito daqueles novos conhecimentos relacionados à oralidade na vida daquelas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos sujeito da fala. Essa fala que é adquirida desde o nascimento do bebê, nas diversas relações sociais que vivemos, nos vários contextos do dia a dia. É com o uso e aprendizagem de uma língua que o sujeito se insere socialmente e culturalmente.

Sabemos que o homem se faz enquanto sujeito na interação com o outro nos diversos grupos sociais de que faz parte. A língua oral é a porta de entrada para o mundo social, é por meio dela que nos inserimos efetivamente na sociedade expressando nossos pensamentos, sentimentos e emoções e construindo conhecimentos. É ela que amplia nossas reais possibilidades de participação como sujeito ativo na sociedade e permite representar a realidade em que vivemos e estamos inseridos.

A língua oral se desenvolve por meio das experiências do sujeito, das oportunidades que ele tem de fazer uso do que já possui e do que adquire nas suas vivências. Quanto mais a criança se expressa oralmente, mais desenvolverá sua capacidade de comunicação. Expressando-se, a criança amplia seus conhecimentos, organiza seu pensamento, suas hipóteses, expõe ideias e emoções e aprende a argumentar. Esse desenvolvimento inclui não apenas a capacidade de falar, mas também a capacidade de ouvir, que é crucial para a participação e integração do sujeito nos grupos sociais.

Segundo Kishimoto (2005), a linguagem é primordial para a formação do pensamento e das relações sociais; ao usar a linguagem como instrumento de reflexão e como representação, a criança tem a possibilidade de tomar consciência, de comunicar e de estabelecer relações sociais.

A linguagem é a mediadora nas relações sociais entre a criança e o mundo em que vive como as regras e valores que vão se modificando com as ações dos sujeitos. É na sua ação que a criança constrói sua subjetividade e os significados sobre o mundo que a cerca.

Ao ouvir ou ler histórias, a criança comenta, indaga, levanta hipóteses, argumenta e discute sobre ela. Fazendo isso, ela está realizando uma interação verbal que vai ao encontro do que Bakhtin (1992) chamou de noção de linguagem.

Se pensamos na literatura como algo que insere o sujeito no mundo da fantasia e que lhe permite significar e ressignificar conhecimentos, ampliar e adquirir novas experiências, podemos pensar nela também como um rico material para trabalharmos as questões inerentes à oralidade. Ouvir histórias, discutir e analisar seus temas centrais, emitir opiniões sobre os textos, sobre as ilustrações e sobre os mais diversos aspectos do livro pode favorecer o aluno

na conquista de saberes acerca da comunicação oral, o que lhe permitirá atuar mais ativamente e satisfatoriamente nas ações comunicativas.

A escola é o lugar em que a fala e a escuta deveriam ser ensinados e trabalhados em contextos mais formais e onde a oralidade deve ser ensinada nos diversos contextos. Quanto maior o acesso à língua, maior a participação enquanto sujeito da democracia. Quanto menor o nível de escolaridade, de letramento da comunidade, tanto maior deve ser o compromisso da escola de dar acesso à língua.

Neste trabalho analisamos o impacto da literatura no desenvolvimento da oralidade, observando alguns aspectos fundamentais para a atuação adequada de um sujeito nas situações discursivas. Partimos do pressuposto de que é tarefa da escola ensinar aspectos da oralidade a seus alunos.

No que se refere ao ensino da oralidade no âmbito escolar, pudemos constatar que este está sempre em segundo plano em relação à escrita. As questões ligadas à oralidade estão presentes o tempo todo na sala de aula. São muitas vezes que ouvimos: “fale baixo”, “fale mais devagar.”, “espere sua vez para falar.” Se pensarmos, porém, no tempo reservado ao ensino dessas questões, veremos que ele é quase inexistente. Exigem-se posturas dos alunos sem nem mesmo dizer a eles do que se trata e porque são tão importantes. Dessa forma, os alunos, muitas vezes, não são informados e orientados a respeito de aspectos de grande relevância à sua participação em atividades que exigem uma postura adequada nem têm oportunidades para se expressarem frente aos diversos assuntos.

A fala ainda acontece somente em situações informais do dia a dia. Na escola, não existe um planejamento para as atividades em que se trabalha a oralidade de forma contextualizada, possibilitando assim que as crianças se posicionem como sujeitos da fala e como bons ouvintes. A escrita, que se tornou instrumento de status e de poder, ocupa hoje o lugar de prioridade nas salas de aula. Diante disso, o trabalho com a oralidade nem sequer é pensado dentro das escolas.

Observamos na escola uma falta de preparo e de conhecimento dos educadores em relação ao trabalho a ser realizado acerca da oralidade. A ampliação do vocabulário ainda parece ser o único objetivo do trabalho com a oralidade. No entanto, observamos que os alunos têm grande necessidade e satisfação em participar de rodas de conversas e debates, e têm muito gosto por poderem se expressar e em poderem ser ouvidos. A escola ainda prioriza as atividades relacionadas à leitura e à escrita, uma vez que esses conteúdos, por meio das avaliações externas, são cobrados de tempos em tempos, medindo índices e desconsiderando qualquer processo vivido pelos alunos.

O nosso encontro de encerramento foi uma grande mostra de que as crianças precisam ter esse espaço da fala e da escuta garantidos e preservados, construídos dentro da escola. Depoimentos do que foi construído nesse tempo de trabalho que estivemos juntos, das conquistas e das aprendizagens, nos apontam para um caminho de maior ganho e satisfação no ensino escolar.

Os dados nos mostram que esse é um trabalho que rende bons frutos para os alunos e para o avanço das relações existentes no ambiente escolar, uma vez que possibilita uma interação maior entre as pessoas envolvidas e o aprendizado de questões essenciais para que os alunos se apresentem em situações corriqueiras ou planejadas do uso da língua. Os resultados foram bons, mas se faz necessário que isso se torne uma prática efetiva nas salas de aula. Esse é um trabalho que precisa ser contínuo e precisa do apoio da escola como um todo. O professor precisa acreditar na real necessidade de se trabalhar os aspectos ligados à oralidade e dessa forma fazer dela um instrumento de trabalho do seu dia a dia

De acordo com os objetivos propostos nesse trabalho, é grande a importância de que as pessoas envolvidas no processo de escolarização, que visa à formação integral do indivíduo, tenham clareza da importância do trabalho com a oralidade, no qual os alunos vão se apropriar dos saberes linguísticos que vão possibilitar que assumam papéis de bons falantes e bons ouvintes, tendo sempre em vista os aspectos que fazem parte dessa oralidade como um todo.

Enfim, aprendemos com esta pesquisa que a literatura pode sim ser um grande instrumento de trabalho no ensino/aprendizagem da oralidade. A literatura, que é um componente cultural de grande relevância na nossa sociedade, faz com que o sujeito dê significado ao mundo e que possa com ela se sensibilizar, se emocionar. Com um arsenal maior de experiências e de vivências, o aluno será capaz de se posicionar, de emitir opiniões, de levantar hipóteses e de argumentar sobre elas com segurança e satisfação.

Acreditamos que uma nova postura da prática de ensino da oralidade seria bem mais satisfatória. Para isso, é preciso que os professores tenham condições reais de formação em serviço, tempo de reuniões pedagógicas e um trabalho de conscientização de que a oralidade se faz essencial na formação do sujeito e que a literatura pode ser o caminho para que se alcancem os objetivos propostos neste trabalho, assim como outros que se proponham.

Como aponta Marcuschi (2003), a oralidade nunca desaparecerá e será sempre a grande forma de expressão e atividade de comunicação. Ela nunca será substituída por qualquer outra tecnologia. Será sempre a porta de entrada à racionalidade e fator de identidade social. Daí sua total importância na vida de todos nós.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- AROEIRA, M.; SOARES, M.; MENDES, R. *Didática de pré-escola: vida e criança: brincar e aprender*. São Paulo: FTD, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do Discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BALTSCHKEIT, Martin. *A história do leão que não sabia escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. 3. 45d. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CADEMARTORI, Lígia. Literatura infantil. In: Glossário do Ceale, *Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores*, Faculdade de Educação, UFMG, 2014.
- CRISTINA, Célia. *Ana e Ana*. São Paulo: Editora DCL, 2007.
- FLEMING, Candace. *João Esperto leva o presente certo*. São Paulo: Farol, 2011.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura em voz alta. In: Glossário do Ceale, *Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores*, Faculdade de Educação, UFMG, 2014.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e a linguagem*. Campinas, 2005.
- MARCUSCHI, Beth. Oralidade. In: Glossário do Ceale, *Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores*, Faculdade de Educação, UFMG, 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º. E 2º. Graus: uma visão crítica. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 30: 39-79, 1997.
- _____, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, A.; BEZERRA, M. A. *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- NOVAIS, Carlos Augusto. Leitura Expressiva. In: Glossário do Ceale, *Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores*. Faculdade de Educação. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PAULI, Lorenz. *Anália, Natália, Amália*. São Paulo: Brinque Book, 2012.

PIRES, Marcelo. *O imperdível menino que perdia tudo*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2011.

ROCHA, Ruth. *Quem tem medo do ridículo?* São Paulo: Salamandra, 2012.

SILVERSTEIN, Shel. *A árvore generosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, Lev. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo. Martins Fontes, 1994.

APÊNDICE

Tabela 1 – Participação dos alunos do 2º Ano nos debates.

LIVRO 1	Debate 1 – 04/09 Tema: O título do livro.	6 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
	Debate 2 – 11/09 Tema: A história	6 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
	Debate 3 – 18/09 Tema: O que perdemos	6 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
LIVRO 2	Debate 1 – 25/09 Tema: A história	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.
	Debate 2 – 02/10 Tema: Irmãos	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.
	Debate 3 – 09/10 Tema: Profissões	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam

		eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.
LIVRO 3	Debate 1 – 23/10 Tema: A história	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.
	Debate 2 – 30/10 Tema: Generosidade	6 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
LIVRO 4	Debate 1 – 06/11 Tema: A história	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.
LIVRO 5	Debate 1 – 11/11 Tema: Ridículo	8 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 1 criança não participa do debate.
	Debate 2 – 18/11 Tema: Ridículo	8 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 1 crianças não participa do debate.
LIVRO 6	Debate 1 – 25/11 Tema: Família	8 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam

		eventualmente do debate. 1 criança não participa do debate.
	Debate 1 – 02/12 Tema: Fechamento	8 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 1 criança não participa do debate.

Tabela 2 – Argumentação dos alunos do 2º Ano nos debates.

LIVRO 1	Debate 1 – 04/09 Tema: O título do livro.	5 crianças apresentam argumentação coerente. 4 crianças apresentam argumentação digressiva. 5 crianças não apresentam argumentação.
	Debate 2 – 11/09 Tema: A história	5 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.
	Debate 3 – 18/09 Tema: O que perdemos	5 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.
LIVRO 2	Debate 1 – 25/09 Tema: A história	5 crianças apresentam argumentação coerente. 4 crianças apresentam argumentação digressiva. 4 crianças não apresentam argumentação.
	Debate 2 – 02/10	5 crianças apresentam

LIVRO 2	Tema: Irmãos	argumentação coerente. 4 crianças apresentam argumentação digressiva. 4 crianças não apresentam argumentação.
	Debate 3 – 09/10 Tema: Profissões	5 crianças apresentam argumentação coerente. 3 crianças apresentam argumentação digressiva. 5 crianças não apresentam argumentação.
LIVRO 3	Debate 1 – 23/10 Tema: A história	5 crianças apresentam argumentação coerente. 4 crianças apresentam argumentação digressiva. 4 crianças não apresentam argumentação.
	Debate 2 – 30/10 Tema: Generosidade	5 crianças apresentam argumentação coerente. 3 crianças apresentam argumentação digressiva. 5 crianças não apresentam argumentação.
LIVRO 4	Debate 1 – 06/11 Tema: A história	6 crianças apresentam argumentação coerente. 4 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.
LIVRO 5	Debate 1 – 11/11 Tema: Ridículo	6 crianças apresentam argumentação coerente. 4 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 Crianças não apresentam argumentação.
	Debate 2 – 18/11	7 crianças apresentam

	Tema: Ridículo	argumentação coerente. 4 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.
LIVRO 6	Debate 1 – 25/11 Tema: Família	8 crianças apresentam argumentação coerente. 3 crianças apresentam argumentação digressiva. 2 Crianças não apresentam argumentação.
	Debate 1 – 02/12 Tema: Fechamento	8 crianças apresentam argumentação coerente. 3 crianças apresentam argumentação digressiva. 2 crianças não apresentam argumentação.

Tabela 3 – Tom de voz dos alunos do 2º Ano nos debates.

LIVRO 1	Debate 1 – 04/09 Tema: O título do livro.	8 crianças falam com um tom de voz alto. 2 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um tom de voz baixo.
	Debate 2 – 11/09 Tema: A história	8 crianças falam com um tom de voz alto. 2 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um tom de voz baixo.
	Debate 3 – 18/09 Tema: O que perdemos	8 crianças falam com um tom de voz alto. 2 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um

		tom de voz baixo.
LIVRO 2	<p>Debate 1 – 25/09 Tema: A história</p>	<p>8 crianças falam com um tom de voz alto. 2 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um tom de voz baixo.</p>
	<p>Debate 2 – 02/10 Tema: Irmãos</p>	<p>9 crianças falam com um tom de voz alto. 3 crianças falam com um tom de voz adequado. 1 criança fala com um tom de voz baixo.</p>
	<p>Debate 3 – 09/10 Tema: Profissões</p>	<p>9 crianças falam com um tom de voz alto. 3 crianças falam com um tom de voz adequado. 1 criança fala com um tom de voz baixo.</p>
LIVRO 3	<p>Debate 1 – 23/10 Tema: A história</p>	<p>7 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.</p>
	<p>Debate 2 – 30/10 Tema: Generosidade</p>	<p>7 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.</p>
LIVRO 4	<p>Debate 1 – 06/11 Tema: A história</p>	<p>6 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um</p>

		tom de voz baixo.
LIVRO 5	Debate 1 – 11/11 Tema: Ridículo	6 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um tom de voz baixo.
	Debate 2 – 18/11 Tema: Ridículo	6 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um tom de voz baixo.
LIVRO 6	Debate 1 – 25/11 Tema: Família	6 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um tom de voz baixo.
	Debate 1 – 02/12 Tema: Fechamento	6 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um tom de voz baixo.

Tabela 4 – Participação dos alunos do 3º Ano nos debates.

LIVRO 1	Debate 1 – 02/09 Tema: O título do livro.	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
	Debate 2 – 09/09 Tema: A história	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam

		eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
	<p>Debate 3 – 16/09 Tema: O que perdemos</p>	<p>7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.</p>
LIVRO 2	<p>Debate 1 – 23/09 Tema: A história</p>	<p>7 crianças participam regularmente do debate. 5 crianças participam eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.</p>
	<p>Debate 2 – 30/09 Tema: Irmãos</p>	<p>7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.</p>
	<p>Debate 3 – 07/10 Tema: Profissões</p>	<p>7 crianças participam regularmente do debate. 5 crianças participam eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.</p>
LIVRO 3	<p>Debate 1 – 21/10 Tema: A história</p>	<p>8 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.</p>
	<p>Debate 2 – 28/10 Tema: Generosidade</p>	<p>8 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam</p>

		eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.
LIVRO 4	Debate 1 – 04/11 Tema: A história	8 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 2 crianças não participam do debate.
LIVRO 5	Debate 1 – 11/11 Tema: A história	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
	Debate 2 – 18/11 Tema: O que é ridículo	7 crianças participam regularmente do debate. 4 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
LIVRO 6	Debate 1 – 25/11 Tema: Família	8 crianças participam regularmente do debate. 3 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.
	Debate 1 – 02/12 Tema: Fechamento	8 crianças participam regularmente do debate. 3 crianças participam eventualmente do debate. 3 crianças não participam do debate.

Tabela 5 – Argumentação dos alunos do 3º Ano nos debates.

LIVRO 1	<p>Debate 1 – 02/09 Tema: O título do livro.</p>	<p>5 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 4 crianças não apresentam argumentação.</p>
	<p>Debate 2 – 09/09 Tema: A história</p>	<p>5 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 4 crianças não apresentam argumentação.</p>
	<p>Debate 3 – 16/09 Tema: O que perdemos</p>	<p>5 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 4 crianças não apresentam argumentação.</p>
LIVRO 2	<p>Debate 1 – 23/09 Tema: A história</p>	<p>5 crianças apresentam argumentação coerente. 6 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.</p>
	<p>Debate 2 – 30/09 Tema: Irmãos</p>	<p>5 crianças apresentam argumentação coerente. 6 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.</p>
	<p>Debate 3 – 07/10 Tema: Profissões</p>	<p>6 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam</p>

		argumentação.
LIVRO 3	<p>Debate 1 – 21/10 Tema: A história</p>	<p>4 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 5 crianças não apresentam argumentação.</p>
	<p>Debate 2 – 28/10 Tema: Generosidade</p>	<p>4 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 5 crianças não apresentam argumentação.</p>
LIVRO 4	<p>Debate 1 – 04/11 Tema: A história</p>	<p>6 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.</p>
LIVRO 5	<p>Debate 1 – 11/11 Tema: Ridículo</p>	<p>6 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.</p>
	<p>Debate 1 – 18/11 Tema: Ridículo</p>	<p>6 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 3 crianças não apresentam argumentação.</p>
LIVRO 6	<p>Debate 2 – 25/11 Tema: Família</p>	<p>7 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 2 crianças não apresentam</p>

		argumentação.
	<p>Debate 1 – 02/12 Tema: Fechamento</p>	<p>7 crianças apresentam argumentação coerente. 5 crianças apresentam argumentação digressiva. 2 crianças não apresentam argumentação.</p>

Tabela 6 – Tom de voz dos alunos do 3º Ano nos debates.

LIVRO 1	<p>Debate 1 – 02/09 Tema: O título do livro.</p>	<p>8 crianças falam com um tom de voz alto. 2 crianças falam com um tom de voz adequado. 4 crianças falam com um tom de voz baixo.</p>
	<p>Debate 2 – 09/09 Tema: A história</p>	<p>8 crianças falam com um tom de voz alto. 2 crianças falam com um tom de voz adequado. 4 crianças falam com um tom de voz baixo.</p>
	<p>Debate 3 – 16/09 Tema: O que perdemos</p>	<p>8 crianças falam com um tom de voz alto. 1 crianças falam com um tom de voz adequado. 5 crianças falam com um tom de voz baixo.</p>
LIVRO 2	<p>Debate 1 – 23/09 Tema: A história</p>	<p>8 crianças falam com um tom de voz alto. 3 crianças falam com um tom de voz adequado. 3 crianças falam com um tom de voz baixo.</p>
	<p>Debate 2 – 30/09 Tema: Irmãos</p>	<p>8 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um</p>

		tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.
	Debate 3 – 07/10 Tema: Profissões	8 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.
LIVRO 3	Debate 1 – 21/10 Tema: Generosidade	6 crianças falam com um tom de voz alto. 6 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.
	Debate 2 – 28/10 Tema: Generosidade	6 crianças falam com um tom de voz alto. 6 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.
LIVRO 4	Debate 1 – 04/11 Tema: A história	8 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.
LIVRO 5	Debate 1 – 11/11 Tema: Ridículo	8 crianças falam com um tom de voz alto. 4 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.
	Debate 2 – 18/11 Tema: Ridículo	6 crianças falam com um tom de voz alto.

		6 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.
LIVRO 6	Debate 1 – 25/11 Tema: Família	6 crianças falam com um tom de voz alto. 6 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.
	Debate 1 – 02/12 Tema: Fechamento	5 crianças falam com um tom de voz alto. 7 crianças falam com um tom de voz adequado. 2 crianças falam com um tom de voz baixo.